

Dezembro 92  
Ano III  
Nº11

Director: Carla Maria Silveira  
Director-Adjunto: Teresa Gomes  
Chefe de Redacção: André Correia  
PREÇO 100\$00

# A CABRA

RÁDIO  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA

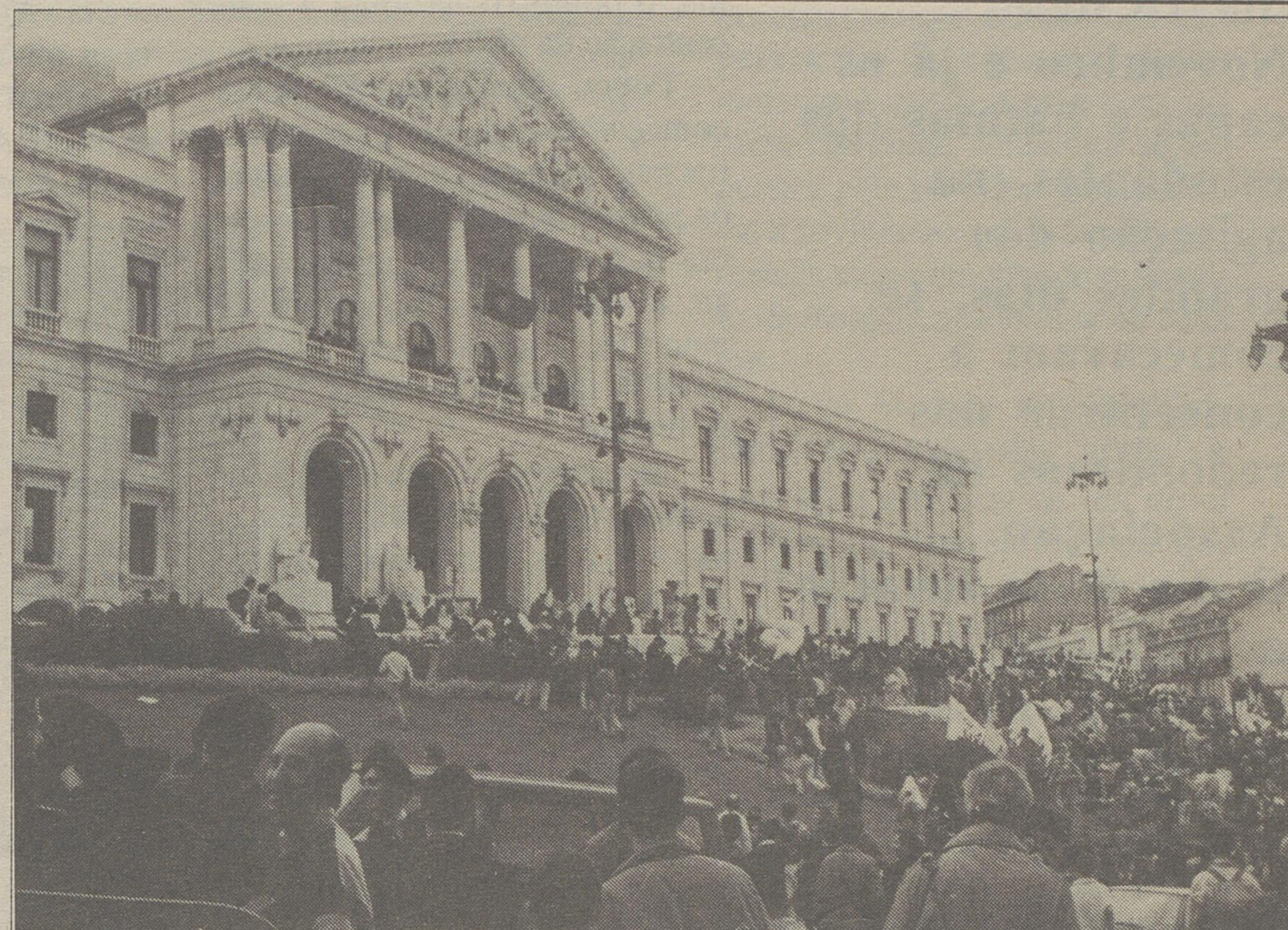
107.9 MHZ

Jornal Universitário de Coimbra

## Manifestação a Lisboa e ENDA de Coimbra

As propinas continuam a ser o assunto quente da Academia e do País. Seguimos a par e passo a ida a Lisboa, ainda com muito de Latada. Do D. Dinis a Coimbra B, de Santa Apolónia a São Bento. As fotografias, revelamo-las aqui. O olhar dos estudantes poisado numa movimentação de estudantes, como mais ninguém a viu. Nem Couto dos Santos...

pág. 2



## Festa das Latas em Coimbra

Histórias de mais uma Latada. O baptismo do caloiro, o cortejo dos doutores. Cada um aproveita quanto pode. Uma semana de loucura a fazer lembrar as Queimas passadas e suspirar pelas futuras. Iniciação é mesmo a palavra certa...

pág. 10

## Entrevista com António Luzio Vaz

Fomos falar com o Vice-Presidente dos Serviços Sociais e encontramos um homem cheio de vida e de ideias para pôr a funcionar de vez os mecanismos dos SSUC. E isto são bolsas, residências, cantinas, enfim, a realidade com a qual o estudante convive todos os dias. E algumas noites, quando vai tomar um copo ao D. Dinis.

pág. 12

## Governador Civil conversa com "A Cabra"

O Governador Civil é, para quem não sabe, o homem mau de cada distrito. São as multas que o fazem assim. Mas Pedroso de Lima prova-nos que ainda é possível preocuparmo-nos com o social, e transmite-nos um optimismo sincero que é raro encontrar num político hoje em dia.

pág. 6

## Política Académica

### JSD divide-se por causa das propinas

Os jovens sociais democratas têm vindo a tomar posições divergentes perante o problema das propinas. Não só contrárias entre si mas, algumas vezes, contrárias à própria Jota. Aqui damos conta das venturas e desventuras de um processo que ainda não se sabe quando e como irá terminar.

pág. 9



# Heróis po

**Ainda mal o sol se tinha levantado no dia 18 de Novembro e já as capas e batinas dos estudantes, na agitação dos grandes dias, se começavam a concentrar nas redondezas da Associação. O dia D da invasão a Lisboa tinha chegado. Heróis por um dia.**

Quem já estava saciado ia subindo, não sem algum custo, as Monumentais, para o D. Dinis, o ponto fixado para a concentração da malta.

Pouco depois das 10 horas começaram a chegar os autocaros para transportar apertadinhos os primeiros estudantes a Coimbra-B. E não houve grande queixa, a vontade de chegar rapidamente ao comboio era enorme: todos se queriam instalar confortavelmente.

Na estação, muita excitação pairava no ar. Bebiam-se algumas cervejas; quem ainda não tinha comido aproveitava. Muita gente a circular nos cais.

Entretanto os estudantes, autênticos peregrinos a caminho do santuário, continuavam a chegar.

Enquanto se comia, os quilómetros que nos separavam da capital diminuiam. A chegada a Sta. Apolónia foi apoteótica: uma multidão "negra" eufórica invadiu a estação gritando "Académica, Académica" e o já bem conhecido "não pagamos".

Num cortejo ruidoso dirigiram-se pela baixa lisboeta até São Bento. Momento alto, a passagem em frente ao Ministério das Finanças, junto do Terreiro do Paço. Um ponto marcante era a atitude dos transeun-



De directa ou com algumas horas de sono, lá vinham eles a responder ao apelo. Uns com uma longa noite de festança, de ressaca ou não: aqueles que, depois da Serenata, preferiram os convívios. Outros, pouco dormidos: os que não resistiram à sedução da cama. Para a malta havia um pequeno-almoço reforçado na cantina B por 50\$00. Acrescido de fiambre e de ovo, as "tropas" iam ganhando forças para a viagem e para o dia que se anunciavam desgastantes.

Por 220\$00 havia ainda em sacos de plástico "rações de combate" para levar, com sandes de lombo e queijo, rissol e pastel de bacalhau, maçã e cerveja ou coca-cola.

Apesar do notório cansaço do pessoal, a animação era grande. As conversas eram variadas e os temas repetidos: copos, propinas, contrato social, e naturalmente Lisboa...

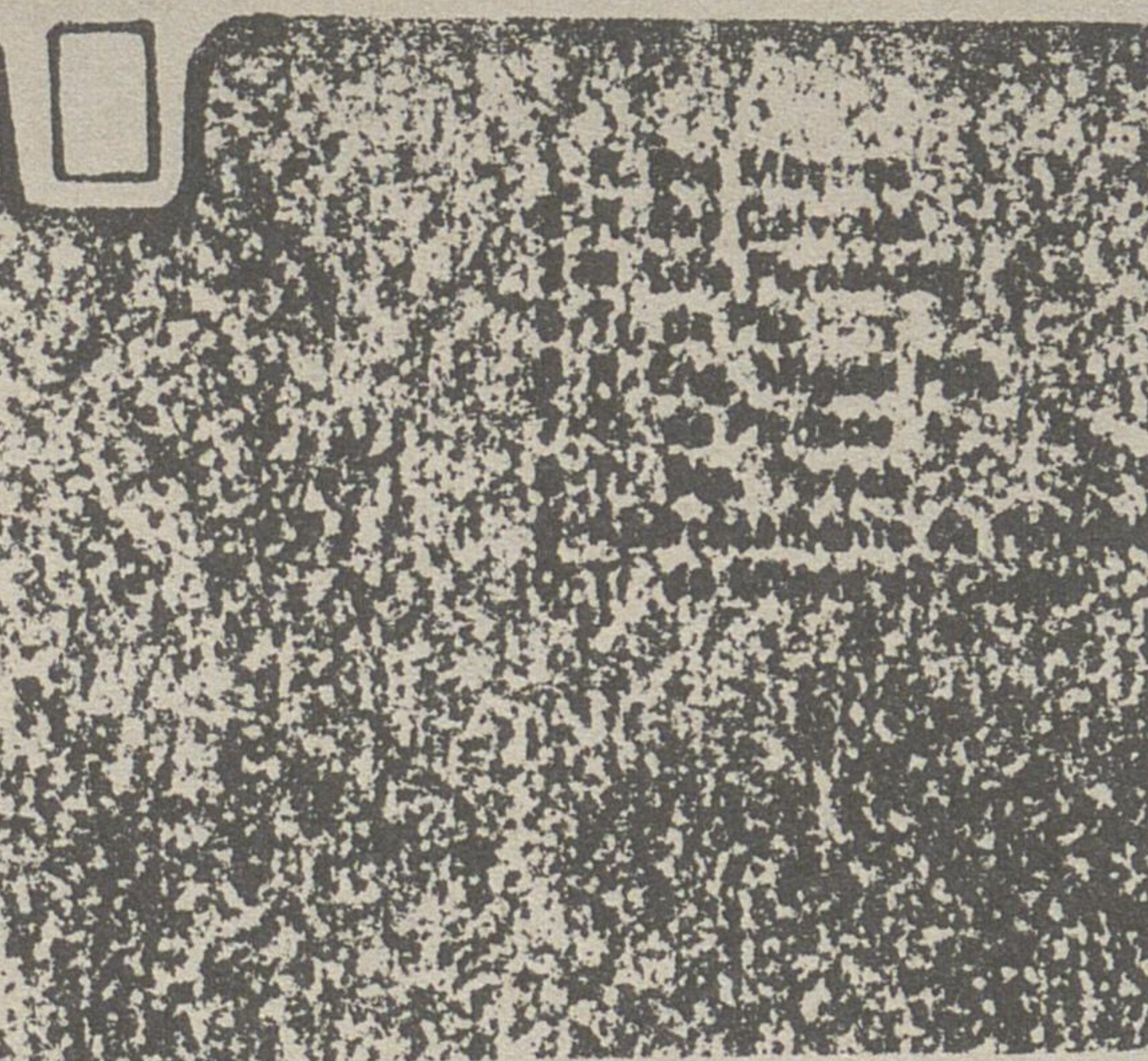
De tal forma que sem demora o primeiro comboio especial alugado pela DG/AAC encheu.

Mas um segundo comboio estava, num cais vizinho, à espera dos mais atrasados. Mais espaço nas carruagens, nomeadamente para quem tencionava aproveitar para dormir um pouco.

Já depois do meio-dia arrancou o primeiro comboio, cuja partida foi assinalada alegremente com as capas de fora e acenos aos que ficavam no segundo comboio, que sairia cinco minutos depois.

Não resistindo ao ritmo cadenciado da viagem muitos foram os que bateram uma sonca, alheios às conversas que iam surgindo. O optimismo era bem patente e notava-se alguma ansiedade nos rostos.

O tempo passava e a fome começava a apertar: para remediar a situação rapidamente se abriram os saquinhos dos So-



tes que em muitos casos manifestaram-se a favor dos estudantes (fica aí uma dica para a imagem distorcida que a RTP veiculou). A chegada à Assembleia da República foi um triunfo. Uma impressionante "maré negra" a alastrar pelos jardins de São Bento, saudada efusivamente pelos colegas de outras universidades que já se encontravam lá. Entre





# Or um dia

eles não faltou quem se "empolgasse" em demasia e tentasse forçar a entrada na Assembleia num acto pouco civilizado.

E a tarde foi animada. Enquanto uma comissão de estudantes era recebida, Tunas e grupos musicais das várias universidades do país iam desfilar em frente aos microfones, parodiando letras de canções conhecidas e aquecendo a malta. De vez em quando clamavam-se slogans irreverentes em direcção ao edifício. Couto dos Santos ia ouvindo cada uma pior do que a outra.

As horas passaram e entretanto a noite caíra. É com um número menor de manifestantes que a comissão apresenta o balanço da reunião: chegara a hora de retirar e o momento de dar umas curvas pela baixa pombalina. Em grupinhos, discutindo,

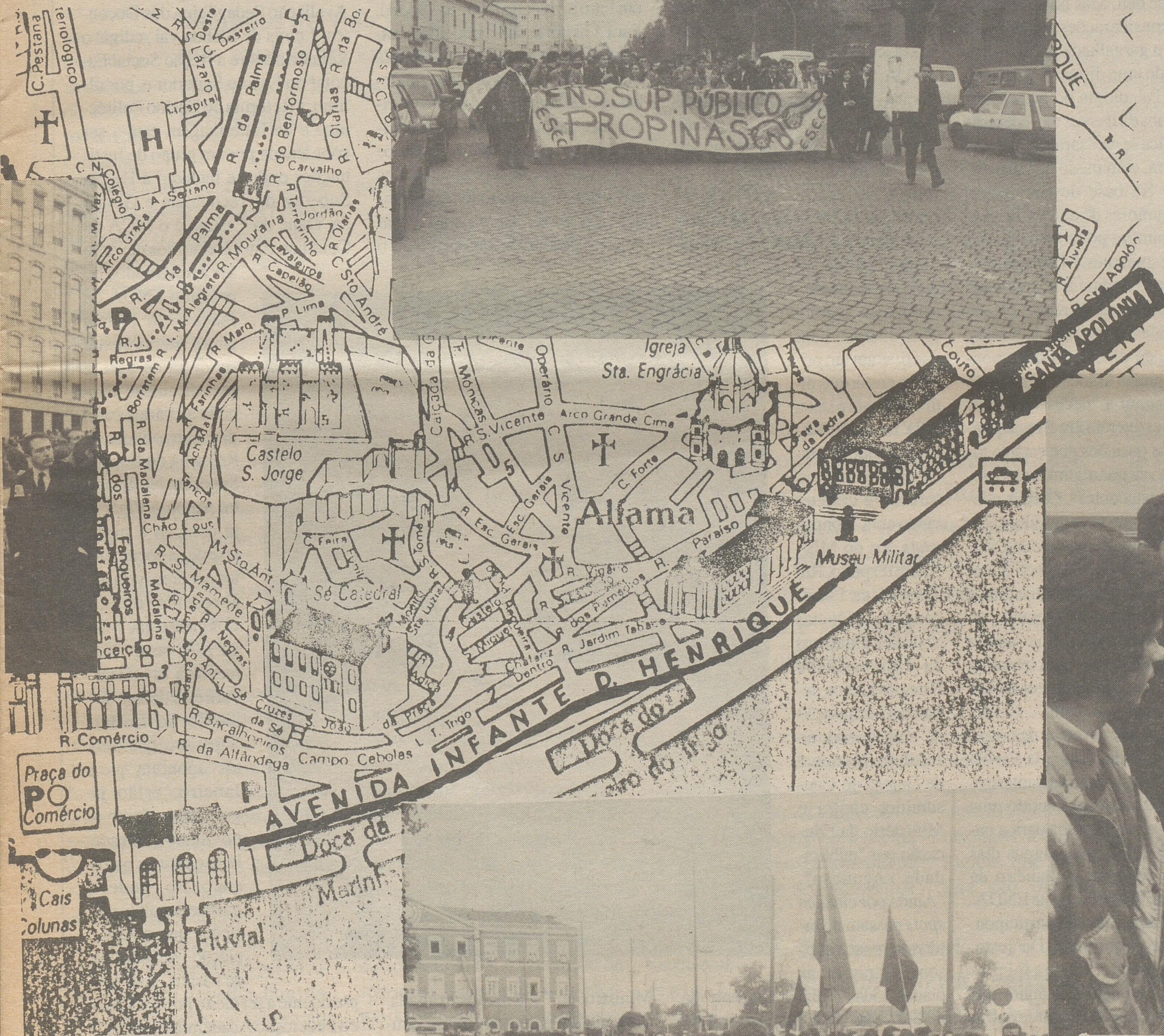
cantando ou em silêncio lá seguiam para o restaurante ou café mais próximo para encontrar um reconfortante pratinho quente bem servido ou simplesmente uma sandes. Andando pelas ruas em busca de um recanto de maior calma. Não faltava quem

fosse "comemorar a vitória do dia" bebendo um copo num tascó bem pertinho da estação. Os estafados, a quem nada naquela altura dizia tanto como o repouso - e sem dúvida merecido - caminhavam para a estação.

Os comboios partiam depois

da meia-noite, havia tempo para descontraír ou dormir nos assentos das carruagens, camas de improvisado mas que sabiam bem depois de um dia cansativo - muito mais para quem estava com directa em cima. Enquanto se esperava pela partida, comentava-se e revivia-se o dia: ficará concerteza como um grande momento da história académica de cada um.

E na viagem de regresso, apesar do cansaço das "tropas", a sensação geral era de um dever cumprido, conscientes de que mostraram que Coimbra nos momentos certos está lá. No comboio, uns dormiam profundamente, outros ainda com força suficiente para uma ou outra brincadeira mantinham-se estoicamente acordados. A noite ia adiantada quando finalmente a odisseia terminou. Uma interessante aventura certamente para todos. Mas nos dias seguintes havia outros desafios em agenda, ou não fosse a Semana da Lata-da.



Com o alongar da espera e com a sede a aumentar, os bares e tascas das redondezas iam sendo sitiados pela malta bem disposta que não negava uma cervejinha fresquinha ou um petisco para trincar. Por enquanto não se arre dava pé ansiando pelo desenrolar dos acontecimentos.

Texto: Carlos Ferreira  
Fotos: Carla Maria Silveira



# ENDA de Coimbra

## Entre a tempestade e a mudança

**O Encontro Nacional de Direcções Associativas que no último fim-de-semana de Novembro reuniu em Coimbra, jogou-se sob o signo do consenso. A ausência das cerca de quarenta Associações de Estudantes que na quinta-feira anterior tinham decidido em Braga boicotar o ENDA, foi desde logo um factor que contribuiu para o bom andamento dos trabalhos. Sem sobressaltos de maior, este Encontro parece ter marcado uma viragem na frente de batalha contra o Ministério.**

Com a questão das propinas em lume brando, as quarenta e três Associações de Estudantes que estão ao lado de Coimbra viram-se agora para a Reforma da Acção Social Escolar e de uma maneira geral para a Reforma do Ensino Superior.

Mas estas pretensões não ficam só pelo grupo de Coimbra. Se bem que com propostas diferentes, também o grupo de Braga lançou para a rua várias hipóteses para discutir o actual sistema do Ensino Superior. Neste campo, a ideia mais pertinente que saiu de Braga terá sido a organização de um Congresso para o Ensino Superior, com as participações dos Ministros da Educação e das Finanças, dos Reitores, dos Docentes e dos Estudantes. Esta proposta chega numa altura em que a discussão do assunto está na ordem do dia de toda a Europa.

O pedido de alteração à lei das propinas foi outra das resoluções do grupo de Associações que reuniu em Braga.

Os ecos desta reunião que congregou cerca de metade das Associações do país, foi motivo de grandes conversas em Coimbra, chegando mesmo a provocar uma lateração na ordem de trabalhos do Encontro. Os comentários ao que se tinha passado em Braga deram arranque

aos trabalhos deste ENDA. As primeiras declarações sobre o assunto vieram exactamente de um estudante da Universidade do Minho que pediu desculpas ao Plenário pelo comportamento dos seus colegas. Na verdade, a cisão do movimento associativo foi mal encarada por alguns dirigentes. Nas reacções a esta divisão, António Vigário classificou a reunião de Braga "como um acto de cobardia". Embora os argumentos de inoperância dos ENDA invocados pela outra parte sejam consensuais, o presidente da AAC critica o *timing* em que o boicote se deu. Mas no meio de todas as considerações, aquela que provocou gargalhada geral na sala foi quando uma dirigente da Faculdade de Psicologia do Porto disse que "alguns dirigentes da Federação Académica se recusaram a deslocar a Coimbra, com medo que lhes batessem". Na base destes receios, surgem rumores de que os dirigentes de Coimbra pretendiam abrir a sala aos estudantes. Mas esta ideia, se bem que falada, foi abandonada poucos dias antes da realização do ENDA. Nas conversas paralelas, houve ainda dirigentes que apontaram algumas associações a dedo e sublinharam a "necessidade das AE's que estiveram em Braga clarificarem as posições que estão a tomar, uma vez que algumas são à revelia dos estudantes". O mais contundente ataque veio de Filipe Rosas, dirigente da Faculdade de Ciências da Faculdade de Lisboa quando, nitidamente indignado, subiu à tribuna e minimizou a reunião do Minho. Rosas afirmou que "aquilo não foi mais do que uma tentativa de dirigentes de gabinete em dividir o movimento estudantil". Dentre as críticas e as conversas de corredor, veio à baila o caso da Escola Superior de Educação de Santarém. O Ministério tinha prometido uma verba de três mil contos para a papelaria da ESES, mas alguns dias antes fez depender o dinheiro da ausência de Santarém deste ENDA. Pelo que Santarém não participou. Limitou-se a observar. De resto, este Encontro de Coimbra foi pródigo em observações, a maior das quais veio daquele estudante que já antes pedira desculpa. Ao que parece, a reunião de Braga foi preparada num gabinete do Ministro. "Isto foi uma prenda de Natal para Couto dos Santos" -acabou por ironizar.

Ao longo da tarde, os estudantes foram deixando de lado a reunião do Minho e as ocupações vieram a fixar-se noutros pontos. Houve por exemplo que se queixasse que as ideias para contestar as propinas estavam a desaparecer. Curiosamente, uma das queixas veio da Es-

cola Superior de Belas Artes do Porto, que nos últimos dias veio a público com iniciativas que ninguém esquecerá -a "Basta Merdal Couto" e o sketch inspirado nos anúncios do Ministério são algumas delas.

No lote de documentos postos à discussão, a moção intitulada "Jornada Para a Defesa do Ensino Superior" havia de concentrar as atenções durante toda a tarde e noite de sábado. O documento, que contempla algumas das grandes exigências das Universidades Privadas e torna a pedir a revogação da lei da propina foi discutido palavra a palavra numa monotonia que fez pensar nas discussões acaloradas de outros ENDA. Os estudantes querem assegurar o cumprimento destas medidas. Para isso, admitem pressionar o Governo e a Assembleia com iniciativas ligadas à realização de RGA's nas escolas, animação de rua e debates. No documento admite-se ainda a realização de campanhas "Todos às Aulas" e o encerramento das Instituições, duas medidas que tiveram um primeiro ensaio nas últimas quinta e sexta-feira. Para além disso, pretende-se ainda editar panfletos, cartazes e cassetes vídeo com "contraspots aos do ME". A este respeito, Rui Tavares, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa defende a instauração de uma queixa no Instituto Nacional de Defesa do Consumidor contra o Ministério da Educação por "publicidade enganosa". "Ainda por cima os spots passam no intervalo dos Simpsons, estragam as piadas todas", diz o dirigente da FCSH. Mas esta proposta não é nova. Ainda há poucas semanas, o líder da Juventude Socialista, António José Seguro lançava a mesma ideia numa Conferência de Imprensa em Lisboa dias após a manifestação frente a São Bento. À margem das discussões, a presidente da Associação Académica de Lisboa (AAL) era uma observadora mais ou menos atenta ao que se ia passando na sala ao lado. Reconhecidamente afastada de quaisquer futuros protagonismos, Gabriela Seara te-

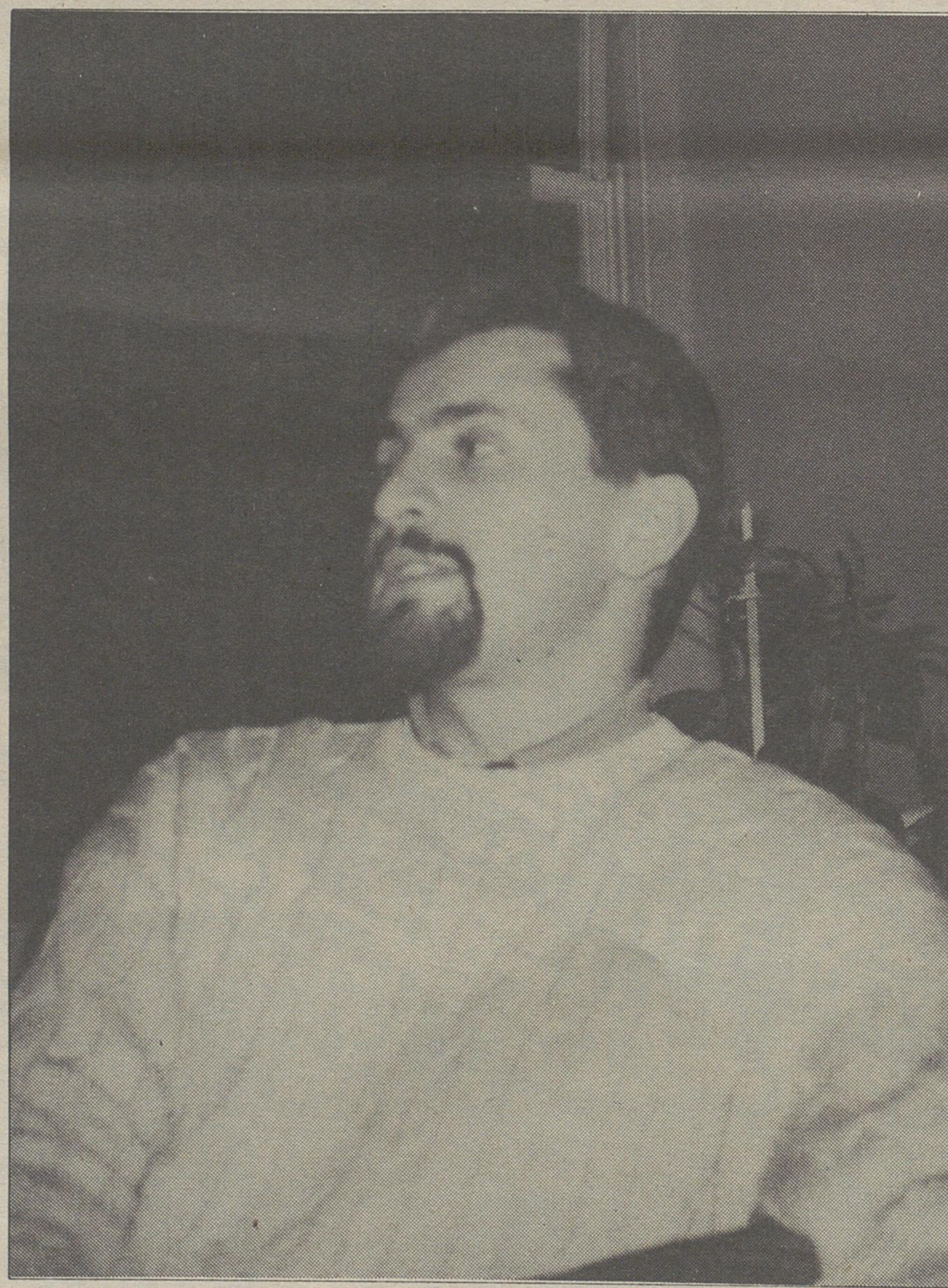
cia de qualquer forma alguns à parte ao que se ia passando. Mas aquela tarde de sábado foi mais um adeus às armas que qualquer outra coisa. Gabriela Seara passou o tempo à conversa com os estudantes que entravam e saíam do Auditório como que a queimar os cartuchos do seu décimo-segundo e último ENDA. A dirigente da AAL que neste encontro preferiu não falar foi nas últimas reuniões nacionais de dirigentes uma das figuras mais polémicas a favor do diálogo com Couto dos Santos, ainda no ENDA de Julho em Viana do Castelo e já depois em Faro a favor do Contrato Social. Para a história deste encontro há-de ficar aquela vez em que Gabriela Seara subiu à tribuna e como condenasse a linguagem que muitos dirigentes estavam a tomar, disse qualquer coisa como -"Bem, estamos aqui todos a chamar prostitutas uns aos outros, estamos todos a ter grandes orgasmos... Eh pá, mas afinal qual é o pecado de negociar com o

do. Ao meio-dia. Em três horas que duraram os trabalhos, ter-se-á produzido mais do que em todo o dia de sábado. A ideia de criar Comissões de Reforma do Ensino Superior foi em frente depois das Associações terem votado o documento que vai servir de base aos Relatórios que os estudantes estão a elaborar. Dessas Comissões, a Universidade Lusíada ficou a coordenar a Reforma do Ensino Superior e Cooperativo; a Avaliação das Instituições está a cargo do Instituto Superior Técnico; a Faculdade de Direito de Lisboa coordena a Comissão de Avaliação Pedagógica dos Docentes; Letras de Lisboa vai redigir o Relatório sobre a Acção Social Escolar no Ensino Superior e, por último, a Reforma do Ensino Politécnico e de Enfermagem está a ser coordenada por um grupo de Instituições onde se incluem a Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viana do Castelo e o ISCA de Coimbra. Estes Relatórios deverão

ser apresentados no próximo ENDA de Janeiro em Lisboa para posteriormente servirem de base a uma discussão alargada às várias entidades envolvidas na Reforma do Ensino Superior. No entanto, António Vigário já colocou a hipótese de os documentos poderem vir a ser apresentados no Congresso que Braga está neste momento a organizar. Para este debate dedicado ao Ensino Superior, e que muitos apontam para Janeiro, estão já guardadas algumas novidades. Desde logo os frutos que o encontro poderá trazer e depois as posições que a Associação Académica de Lisboa, com novo

presidente a ser eleito por estes dias e a Federação Académica do Porto, com o novo presidente, Filipe Pinheiro, eleito há cerca de uma semana, vão tomar sobre esta matéria. Para já, as expectativas numa mudança mais radical não são exactamente as do guarda-redes no momento do penalty. E, na verdade, o que cada um já começa a esperar disto é que o árbitro apite, de uma vez por todas, o final do jogo.

Carlos Picassinos



Ministro, pá?". Já menos exaltada, Gabriela Seara limitou-se em Coimbra a especular sobre o que iria acontecer daqui por diante -acordos com os reitores e mais divisões entre as Associações. Logo mais se verá. Os trabalhos do primeiro dia de ENDA terminaram por volta da meia-noite e depois a boémia ocupou-se dos mais enfatiados. Para outros, a cama é o sítio certo, já Freud o podia ter dito. Domingo começou para muitos à uma da tarde. Para os mais madrugadores as discussões arrancaram mais ce-



# A universidade, os custos e os desperdícios

Na raiz do actual debate sobre as propinas e sobre o financiamento do ensino superior encontra-se uma confrontação entre concepções divergentes do que é a universidade e do que é o ensino superior, de quais devem ser os seus objectivos, a natureza

dos bens e serviços que produz, a sua organização e as origens e modalidades do seu financiamento.

Como nota Peter Drucker numa obra que veio a tornar-se uma das bíblias da gestão, o cumprimento adequado das funções sociais de uma organização exige que se estabeleça uma distinção entre "doing the right things" e "doing things right", entre saber o que se deve fazer e para quê, por um lado, e como fazê-lo da maneira mais adequada, por outro, ou seja, retomando os termos de Drucker, entre eficácia e eficiência. O conflito actual tem girado em torno da definição de critérios de eficiência, geralmente importados de outros domínios da vida social, e que deixam por explicitar, em geral, de maneira clara, os critérios de eficácia a que se subordinam, e que permitem definir a especificidade da universidade como instituição e como organização. Esta situação faz lembrar, de certo modo, a de um funcionário público cuja prestação profissional fosse medida pela quantidade de carimbos colocados em formulários no lugar certo, durante um certo período de tempo, sem que, da parte dos responsáveis pela avaliação do seu trabalho, houvesse a preocupação de saber para que servem os formulários, e se é necessário pôr um funcionário a carimbá-los...

É sabido que, nas últimas décadas, a universidade se tem visto obrigada a gerir as contradições resultantes, por um lado, da necessidade de responder aos objectivos e aspirações dos diferentes sectores que constituem a sua população -estudantes, docentes e funcionários-, criando

espaços de diálogo e de negociação que obrigam a um alargamento e aprofundamento da democracia interna das instituições; e, por outro lado, da exigência de cumprir funções nem sempre compatíveis entre si. Essas funções abrangem a investi-

**O conflito actual tem girado em torno da definição de critérios de eficiência, geralmente importados de outros domínios da vida social, e que deixam por explicitar, em geral, de maneira clara, os critérios de eficácia a que se subordinam.**

gação, o ensino (graduado e pós-graduado) e a prestação de serviços. Cada uma destas actividades está voltada para a produção de bens de natureza diferente, que exigem que os recursos (espaços) afectados a cada uma dessas actividades sejam desviados das outras. A política oficial em relação às universidades tende a considerar

estas como instituições voltadas, essencialmente, para o cumprimento da função do ensino, e dentro desta, de ensino graduado, de modo a responder à massificação do ensino superior e à pressão da procura deste grau de ensino por parte dos alunos que terminam o ensino secundário. A função de prestação de serviços é incentivada como forma de obtenção de recursos próprios, enquanto a investigação é tratada como algo de dispensável, como um luxo a que poderemos ter acesso quando vierem melhores dias... A recente medida de extinção do INIC sem o surgimento de medidas destinadas a promover mais e melhor investigação nas Universidades vem contribuir para reforçar a ideia de que as universidades devem, sobretudo, ser

instituições que respondam às pressões de curto prazo resultantes da procura do ensino superior por contingentes cada vez mais numerosos de estudantes, da situação do mercado de trabalho e da necessidade de responder à procura de tecnologia e de formação por parte de empresas ou de outros "clientes".

Neste contexto, o ensino superior é concebido, sobretudo, como um custo para o Estado e para os cidadãos que contribuem para o seu financiamento, e como um benefício para os indivíduos que o frequentam, traduzido na obtenção de qualificações académicas e profissionais. Nesta perspectiva, a universidade deveria funcionar em função de várias formas de procura exterior, minimizando os custos e procurando merecer aquilo que gasta através de actividades produtoras de benefícios, a curto

**Neste contexto, o ensino superior é concebido, sobretudo, como um custo para o Estado e para os cidadãos que contribuem para o seu financiamento, e como um benefício para os indivíduos que o frequentam (...) a esta concepção é possível opor uma outra, que vê o conjunto das actividades que têm lugar na universidade como um investimento social (...) e produtoras de bens e serviços que nenhuma outra instituição pode produzir.**

prazo, para terceiros identificáveis, sejam eles os estudantes -através da concessão de graus académicos- ou as empresas e outras instituições -através da produção e desenvolvimento de tecnologia e de actividades de formação técnica e profissional. Exigir, nesta perspectiva, o pagamento de propinas constitui, sobretudo, uma legitimação simbólica do ponto de vista segundo o qual o ensino superior é um custo em termos colectivos, sendo os seus benefícios objecto de uma apropriação privada, por parte de indivíduos ou de pes-

soas colectivas.

A esta concepção é possível opor uma outra, que vê o conjunto das actividades que têm lugar na universidade como um investimento social, gerador de benefícios a médio e longo prazo, e produtoras de bens e serviços que nenhuma outra instituição pode produzir. Nesta perspectiva, a contribuição dos cidadãos, através do sistema fiscal, para o financiamento do ensino superior, é, sobretudo, um investimento colectivo na formação cultural, na formação de profissionais e de cientistas capazes de, a médio e longo prazo, conservar e fazer avançar actividades que nenhuma outra instituição está em posição de promover, e, sobretudo, de permitir escapar aos constrangimentos do curto prazo que impedem que se possa produzir formas de conhecimento baseados na responsabilidade

ética e no compromisso com as consequências da sua aplicação. Ninguém defende que a universidade consuma recursos desnecessários ao cumprimento

das suas funções, mas também ninguém pode esperar que a universidade cumpra as suas funções específicas sendo obrigada a funcionar segundo lógicas que não são as suas, e que são incompatíveis, por

**É fundamental, por isso, quando se discute o financiamento e a avaliação, clarificar a concepção do que é a universidade, e de qual a natureza dos bens que ela produz, e, sobretudo, defender a sua autonomia como condição de uma interacção responsável com outros universos sociais.**

vezes, com esta. Falar das universidades como geradoras de "desperdícios" obriga a definir, em primeiro lugar, os critérios de eficácia que permitem definir se a universidade está ou não a fazer aquilo que deve fazer, an-

tes de verificar se o está a fazer da melhor maneira. Pressionar as universidades a formar contingentes de profissionais altamente especializados em funções sujeitas a uma acelerada obsolescência -como está hoje a acontecer- é, essa sim, uma forma de desperdício que, paradoxalmente, é legitimada pelo discurso oficial sobre a função social da universidade. Em contrapartida, formar cidadãos capazes de actuar de forma competente e flexível em diferentes mundos sociais, de interpretar a mudança e participar activamente nela, de inovar e criticar constitui, sem dúvida, um investimento fundamental que só pode ser realizado se for reconhecida a especificidade social da universidade, a pluralidade das suas funções e dos agentes que nelas participam -professores, funcionários e estudantes-, e, sobretudo, se a sociedade se dispuser a investir nesse bem social específico e, em grande medida, gerador de efeitos indivisíveis e apropriáveis individualmente apenas na medida em que sejam partilháveis pela generalidade dos cidadãos: um conhecimento pautado pela responsabilidade social, incompatível com o economicismo, a gestão do curto prazo e a visão reducionista da universidade como uma empresa. É fundamental, por isso, quando se discute o financiamento e a avaliação, clarificar a concepção do que é a universidade, e de qual a natureza dos bens que ela produz, e, sobretudo, defender a sua autonomia como condição de uma interacção responsável com outros universos sociais. Só a partir daí será possível definir o que se pode entender, substantivamente, por justiça social no plano do acesso ao ensino superior e do seu financiamento.

João Arriscado Nunes  
Sociólogo  
Professor da FEUC



# "Deus queira que a gente sempre

**Sentamo-nos à mesa com o Eng. Luís Pedroso de Lima, Governador Civil de Coimbra há um ano. Fizemos o balanço possível do seu mandato, falámos da cidade e da Universidade. Não nos esquecemos das propinas nem de saber se o "homem do social" tem tempo para atender as chamadas da cultura. As telefónicas, pelo menos, enquanto conversámos, foram constantes. Foi um ano que deu para tudo: desenvolver projectos na área da solidariedade social, acordar a sociedade civil, transmitir uma mensagem de confiança. E até para arranjar umas boas cargas de trabalho. No fim, fica-nos o optimismo de um político que acredita que tudo é possível.**

**Balanço de um ano de mandato: dar pistas à sociedade.**

**"A Cabra": Para começar esta entrevista eu tinha uma pergunta em jeito de balanço que era a seguinte: em Dezembro vai fazer um ano que tomou posse como governador civil; desde essa altura até hoje o que é que descobriu que era impossível fazer e o que é que descobriu que era possível fazer?**

**Eng. Pedroso de Lima:** (...) Portanto, está-me a pedir uma retrospectiva a um ano de serviço; houve coisas que me balancei a

ajudar a resolver ou a tentar ajudar a resolver, que é o trabalho do governador civil é ajudar e muitas dessas coisas acabaram por se concretizar. (...) Aquilo que me apercebi que ainda não fui capaz de fazer — penso o ainda, nada descobri que não fosse possível realizar—, (...) foi criar uma mentalidade positiva no distrito, portanto, espalhar o meu optimismo a todos os cidadãos do distrito de Coimbra para que encarem da mesma forma o seu futuro colectivo.

**Como é que estamos em termos de saúde, da educação, do apoio aos mais desfavorecidos, aos deficientes, aos jovens e aos idosos?**

A primeira nota que eu entendi realizar foi arranjar um movimento estruturado para analisar essas situações e para perspectivar soluções para o futuro e então a primeira realização foi a criação daquilo que ficou designado pelo PDAS, um programa de desenvolvimento de âmbito social para o distrito de Coimbra (...). A nível da população deficiente, que é a área que conheço melhor, porque trabalhei nela durante dez anos como voluntário social, posso dizer-lhe que o distrito de Coimbra tem uma situação absolutamente ímpar a nível nacional, portanto neste momento só dois concelhos do distrito de Coimbra não têm apoio directo a deficientes nas sedes de concelho, quando há distritos no nosso país que não têm apoio directo na sede do distrito. Concretamente, os dois concelhos são a Pampilhosa da Serra, Góis (...), mas mesmo esses concelhos que não têm apoio directo (não têm um edifício, não têm instalações físicas) têm equipas ambulatórias de apoio (...).

Há aqui um conjunto de projectos que eu entendo que não devem ser projectos de promoção política; são projectos essencialmente de trabalho no terreno e devem ser encarados muito do ponto de vista técnico, do ponto de vista formal, do ponto de vista de realização concreta. (...) Em relação aos jovens, estamos a trabalhar agora num projecto de apoio aos dezassete jovens, um de cada concelho, que ao nível do 9º ano de escolaridade sejam considerados os melhores alunos do seu concelho e que tenham grandes dificuldades económicas para os apoiarmos (...). Este é um esforço que neste momento está a ser feito. Já tenho o aval da Gulbenkian para isto. A Gulbenkian vai apoiar financeiramente, o Governo Civil vai apoiar financeiramente e estamos a propor a todas as Câmaras que apoiem também financeiramente este projecto. Já que se trata de um jovem por cada con-

celho, que a Câmara Municipal apoie também.

O que é que isto quer dizer, resumindo? O governador civil assume-se como o promotor do social, dá ideias, dá pistas e deixa à sociedade alguma forma de alimentar essas pistas. Prova-se que é possível fazê-lo. Se eu o fiz com

evidente, falando com os autarcas do distrito, que a maioria dos concelhos começa a apanhar uma situação de pleno emprego. Não há desemprego a nível do distrito de Coimbra, mas se se disser que há um projecto estruturado de desenvolvimento do distrito, eu presumo que ainda não. Agora é importante

ideia de que no "governador do social" entra o aspecto da educação.

Eu tenho privilegiado as minhas relações com a Reitoria da Universidade que é o órgão institucional que com a sua autonomia está mais ao nível do Governo Civil e com o Senhor Reitor mantenho um con-



dezassete, outra entidade qualquer pode fazê-lo com mais dezassete e tentar fazer um esforço de multiplicação deste tipo de iniciativas.

**Nota-se que o social é uma preocupação muito importante para si. Isto é algo que brota de si ou que deriva de directivas superiores?**

Deriva de directivas superiores embora esteja também ligado ao meu próprio trajecto. Embora eu seja engenheiro de minas, (...), estou ligado ao movimento de deficientes como voluntário há cerca de dez anos, (...) tenho um conhecimento grande das matérias de saúde e de segurança social. Portanto, mal de mim se quando o meu ministro, que inclusivamente me diz "Esteja atento aos fenómenos de exclusão social que podem derivar de um processo de desenvolvimento", que eu não ponha isso como uma das minhas primeiras preocupações.

**E Coimbra tem-se desenvolvido assim tanto?**

Não tanto... É um dilema que nós vamos ter que resolver em Coimbra. Nós vamos ter que dizer em Coimbra o que é que queremos, Coimbra-cidade e Coimbra-distrito. Se eu lhe disser que é verdade que se está a criar uma cintura industrial envolvente à cidade de Coimbra, é verdade. (...) Agora é

ter aqui uma nota que é esta: esta condução de um fenómeno de investimentos ao nível do distrito tem apontado para a terciarização da cidade, portanto, cada vez mais Coimbra tem vindo a apostar-se como um pólo terciário, um pólo de serviços. É aquilo que está a acontecer. A grande dúvida que se põe é: porquê? Porque não há infra-estruturas, não foram criadas infra-estruturas através da autarquia para os investimentos no sector secundário? De facto, não se podem instalar empresas na torre da universidade.

Agora será esse só o óbice que determina a não existência de empresas com alguma capacidade no sector secundário no concelho de Coimbra ou será mesmo uma questão de cultura? Essa é a grande dúvida e para mim os fenómenos culturais são importantes, porque são eles que perspectivam sempre um desenvolvimento, portanto, eu não acredito em desenvolvimento que não esteja subjacente uma grande postura cultural e tenho alguma dúvida que seja só a questão das infra-estruturas (...)

**Quebrar o isolamento da Universidade**

**Como é que quer pôr à mesa a Universidade e a falar com quem? Isto também voltando à**

tacto praticamente mensal, aliás há um almoço institucional feito entre várias entidades de Coimbra desde forças de segurança, autarquia, reitoria, governo civil, etc. que nos permite ter sempre um diálogo muito grande sobre os mais variados assuntos ao nível do distrito. E com o senhor reitor tenho tido sobretudo este tipo de comportamento, mas tenho descido ao nível do terreno, por exemplo, no seguimento da matéria que estávamos a falar (desenvolvimento económico) eu lancei a ideia que está a ser trabalhada neste momento e que há já todas as probabilidades de a muito breve trecho ser institucionalizada (só estou à espera que o Congresso dos Empresários acabe) de uma bolsa de inovação, isto é, há empresas que têm necessidade de investigação e de desenvolvimento, mas não recorrem à Universidade para essa investigação e desenvolvimento que é... que está aqui ao lado enquanto que isso se calhar também por outro lado a Universidade faz investigação e desenvolvimento, mas não acorda com as empresas as necessidades específicas que elas têm, portanto eu, aliás como homem da engenharia, diria que muitas vezes a Universidade peca por produzir demasiados *papers* e fazer poucas patentes, o que para a indústria seria muito mais importante, mas também a indústria muitas vezes não se



# viva numa Universidade agitada"

recorda de que das maiores empresas que existem no distrito de Coimbra é a Universidade de Coimbra e portanto a potenciação de sinergias entre as duas seria muito boa (...).

## Propinas, justiça social e acesso à Universidade

Neste momento, a Universidade está em grande agitação, concretamente com o problema das propinas. Como é que vê essa agitação dos estudantes? Considera que isso é sinónimo de problemas que é necessário resolver ou, pelo contrário, como algo que é esporádico, passageiro?

Bom, vamos cá ver. Eu desdramatizo completamente a situação neste sentido: eu sempre vivi, desde estudante até assistente, numa universidade agitada e Deus queira que a gente sempre viva numa Universidade agitada. Agitada de quê? Agitada de ideias, agitada de vontade de melhorar, de ter uma postura diferente. Eu não gostava de ser aluno de uma universidade conformista, de uma universidade onde a mera atitude do marraço, como a gente diz, fosse a única coisa que

Aceito perfeitamente a posição de alguns estudantes de dizerem "Nós somos contra as propinas", assim como sempre entendi que me devem respeitar a minha posição de ser favorável às propinas.

**Está a falar como representante do governo?**

Como representante do governo e como posição pessoal. Aliás não é nada que seja novo. (...) Eu sou a favor das propinas por uma questão de justiça social, porque eu entendo que quem tem dinheiro deve pagar os seus estudos. Entendo que não é credível que uma pessoa possua um BMW de 1600 contos à porta da Universidade e não pague propinas. Não é credível que se tenha um BMW à porta da universidade e não se pague propinas e não é credível que eu verifique que não há lugares para estacionamento no pátio da universidade e não se pague propinas. Portanto, para mim, são situações que me chocam, são situações de uma visão socialista da vida que eu recuso. Não sou um socialista. São os defensores da gratuitidade de todo o sistema da saúde, da segurança social. Eu entendo que a gratuitidade

blica (...).

(...)Agora eu posso dizer-lhe é o seguinte (e nisto aqui é matéria que falo a título pessoal, se mo permitirem): aquilo que eu tenho mais dificuldade em compreender é a limitação das entradas à universidade, isto é, é reconhecerem-me como capaz de ter feito todo o ensino básico e secundário, ao fim desse ensino básico e secundário me atribuírem uma classificação de mérito, seja uma classificação, por exemplo, que seja reconhecida como boa, superior a quinze e depois eu não ter a hipótese de aceder ao curso ao qual eu mantive a minha predisposição de entrada. É essa a situação que mais me choca hoje que eu não tive no meu tempo. (...).

**Coimbra não é, como em princípio a presença de uma universidade há quase cinco séculos ininterruptos faria prever, uma "cidade de cultura". O que é que tem feito nessa área?**

Olhe, eu primeiro duvido muito dessa afirmação também. (...) Há uma grande motivação das pessoas em Coimbra para a cultura e há uma cultura diferente da cidade de Coimbra. Coimbra é diferente das

"Para a semana é a Queima!". Há aqui uma interacção muito grande que é uma interacção que vem de há 700 anos. (...).

Segundo, a nossa própria vivência cultural é feita sem grandes realizações do ponto de vista espectacular, não temos grandes espectáculos porventura. E veja-se o seguinte: quando o Governo cria condições para que os haja—"Coimbra Capital do Teatro"— não é líquido que a adesão da população, mesmo da população estudantil, em termos de massas a essas iniciativas, tenha sido maior do que aquele que advinha da falta de "Coimbra Capital do Teatro". No entanto, eu continuo a ver tertúlias, continuo a ver grupos de jovens a aprender a guitarra e a tradição de Coimbra, a discutirem os movimentos associativos, a repensarem toda a cultura da Universidade e da sociedade, a associarem-se em movimentos estudantis na História, nas Engenharias, portanto, é a nossa vivência cultural (...).

**Pois, mas por isso é que eu perguntava. Isso vem provar de certa maneira que não somos essa cidade da cultura, como parece. Cultura não é só a Queima...**

Não seremos porventura uma cidade da cultura espectáculo. Mas somos certamente uma cidade de cultura.

**Mas então é uma cultura tacanha...**

Não é uma cultura tacanha, a cultura não tem de ser espectáculo.

**Mas a cultura também tem de ser, por exemplo, o apoio, como dizia, ao teatro, e isso, de facto, não é verdade. Não tem havido uma grande adesão a "Coimbra Capital do Teatro", e o teatro que se faz aqui não é propriamente um "teatro espectáculo"...**

Porventura Coimbra não quer os modelos estereotipados de Lisboa. Porque se calhar Coimbra não quer ser uma cópia em mini-escala daquilo que as pessoas pensam que deve ser a cultura. Porque se calhar Coimbra tem uma cultura própria. Porque se calhar Coimbra nas Artes, nas Letras, na História, continua a liderar o movimento de reflexão cultural em Portugal (...). Se calhar isto é muito mais gratificante para a cidade e para os agentes culturais que temos do que propriamente ter um Parque Mayer ou ter uma outra filosofia de cultura espectáculo que é boa para entreter alguma burguesia, mas que se calhar não se confina aos modelos culturais que Coimbra tem que são muito mais irreverentes, são muito mais inovadores muitas vezes, são muito mais de reflexão em grupo pequeno do que em grandes salas de espectáculos.

**Mas eu regressaria à pergunta**

**inicial, o que é que tem sido feito pelo Governador Civil nesta área?**

Pouco... Pouco... Digo-lhe pouco porquê? Primeiro, porque é mais o ânimo aos movimentos, portanto, apoiar alguns movimentos e pô-los em contacto com a Secretaria de Estado da Cultura e com os agentes financeiros, digamos, dessa mesma cultura. Primeiro, porque a minha preparação é uma preparação essencialmente técnica e portanto nós descuramos, quando temos problemas de desenvolvimento feitos numa base ainda de infraestruturização, portanto, ainda estamos numa fase infraestrutural, somos tentados a ir para esses caminhos, o que não impede a reflexão, mas também porque essa pulverização das iniciativas àquilo que é o representante do Governo no Distrito, torna muito mais difícil uma acção concertada. E por outro lado, penso que essa pulverização até é benéfica, faz parte da cultura própria, não me compete a mim ser gregário, agregar esse tipo de iniciativas. Mas confesso que tem sido feito pouco da minha parte nessa área.

**O sr. é um Governador do Social...**

É! Sou mais do social!

## Vamos arregaçar as mangas

**Para concluir, como é que perspectiva o futuro?**

Para nós os católicos, o futuro a Deus pertence, mas eu continuo a ver as coisas com optimismo, lá sou eu optimista, espero morrer assim. E continuo a ver com optimismo porquê?

Primeiro, e voltando à primeira pergunta que fizeram, porque vejo um crescendo, vejo as pessoas interessadas em fazer, isto é possível. Segundo, porque nas visitas que tenho feito aos concelhos, terra a terra, as pessoas são muito sensíveis ao discurso que o Governador Civil tem feito, quando eu digo isto é possível potenciar, vamos arregaçar as mangas e trabalhar. Eu tenho visto as pessoas a aderirem a esta iniciativa, de tal maneira que eu por cada três dias de trabalho que tenho num concelho arranjo três meses de trabalho para mim. Ora, quando as pessoas estão empenhadas em trabalhar o desenvolvimento surge atrás delas.

**Então a perspectiva é positiva?**

É positiva, é mais do que positiva.

**Entrevista: André de Brito Correia, Pedro Meneses**

**Fotos: Afonso Pinto e Pedro Góis**



me determinasse como estudante universitário e Coimbra sempre conseguiu ter uma atitude irreverente da procura das melhores soluções. Até aí tudo bem. Se me perguntarem concretamente "Mas é contra as propinas?", eu digo "Não, não sou". Eu sou concretamente a favor das propinas. Tenho uma ideia que discuti várias vezes com a Associação Académica, já com o presidente da Associação Académica com toda a lisura, com toda a frontalidade entre as partes, mas mantive aí uma postura que é minha.

do sistema deve ser para aqueles que não podem pagar e para que os outros não possam pagar deve haver muitos que podem estar a pagar e isso não se faz só através dos impostos. Faz-se também através dos impostos, mas faz-se complementarmente pagando um serviço de qualidade. O que se deve requerer, como é óbvio, é que o serviço que se paga seja um serviço de qualidade, mas as pessoas hoje até têm opção; no meu tempo não tinha opção. No meu tempo eu se queria estudar tinha que ir para a universidade pú-

outras cidades, claramente diferente das outras cidades: nas suas formas de interacção entre a universidade, o estudante e a cidade, é diferente. Nós vemos a Queima das Fitas em Coimbra como uma festa da cidade e dos estudantes e encontramos em Lisboa a festa dos estudantes mas não da cidade. Ninguém vibra em Lisboa com uma Queima das Fitas. Pelo contrário, há até manifestações de desagrado. (...) Aqui toda a gente vive a Queima. Eu vejo estudantes a dizer "Ó, pá! Vai agora haver a Queima!" e os cidadãos a dizer



# Orais por um canudo

**A FLUC volta a ser notícia. Depois dos problemas orçamentais do ano passado a agitação voltou lá para os lados da Praça da Porta Férrea. As orais obrigatórias foram o motivo.**

Há já muito tempo que os alunos aspiravam a modificações no sistema de avaliação, nomeadamente no capítulo referente às orais. Este estipulava a avaliação oral obrigatória em frequências e exames. No ano transacto, Cândida Santos, Carlos Beirão e Ângela Fidelis, membros das comissões dos respectivos cursos, promoveram uma RGA que pretendia abordar este assunto. Nesta reunião foi decidido pressionar os representantes dos alunos no Conselho Pedagógico a apresentarem uma proposta que modificasse o sistema de avaliação.

Entretanto, este quadro alterou-se com as eleições para os órgãos de gestão da FLUC. Os alunos então eleitos realizaram um inquérito aos colegas no qual se propunha a dispensa de prova oral se a média dos trabalhos e provas realizadas fosse igual a dez valores mesmo que num deles a informação fosse inferior a dez. No entanto, se a informação de uma das provas fosse inferior a oito valores, o aluno não seria dispensado da oral mesmo que tivesse média positiva (esta proposta excluía as cadeiras de língua estrangeira, mortas ou vivas). Propunha-se ainda que, nas provas de avaliação final, ficassem automaticamente dispensados de prova oral, os

alunos com nota igual ou superior a dez valores na prova escrita. A generalidade dos alunos apoiou estas propostas pelo que as mesmas foram apresentadas em Conselho Pedagógico. Este órgão deliberou aceitar as reivindicações dos estudantes que considerou "não serem radicais e contribuirem para eliminar algumas incongruências do sistema de avaliação".

## Guerra de competências

No entanto, o Conselho Científico, em carta dirigida ao Conselho Pedagógico, considera que as alterações propostas têm uma incidência negativa no currículo académico e escolar dos próprios estudantes. O mesmo documento classifica as mesmas alterações de inoportunas e julga dever ser ouvido em deliberações sobre o Regulamento de Avaliação fundamentando a sua posição com o Regulamento da Faculdade de Letras. É igualmente proposta a realização de uma reunião conjunta para análise desta matéria. Basicamente, o Conselho Científico pretendeu chamar a si a responsabilidade neste assunto, baseando-se num parecer da assessoria jurídica da FLUC segundo o qual, nos Estatutos da Universidade, não está entregue o poder deliberativo a nenhum órgão.

A resposta do Conselho Pedagógico não se fez esperar. Este órgão considerou que as alterações que introduziu em Março de 1992 no Regulamento de Avaliação não passam de simples correcções a incoerências do dito regulamento, pois, quanto às frequências, a regra geral é que dispensam da oral os alunos que já atingiram a positiva nas frequências e, quanto ao exame final,

correspondendo a sua prova escrita à matéria das duas frequências, as quais, por sua vez, segundo a anterior regra geral, estão dispensadas da prova oral, é lógico que também nele haja a dispensa. O Conselho Pedagógico considera ainda que não seria útil para o funcionamento democrático das instituições a concentração de poderes num único órgão e, por outro lado, o problema da avaliação é um problema ditado pela futura colocação profissional dos alunos, pelo que deveriam ser eles sobretudo a decidir.

O litígio foi resolvido no passado dia 4 numa reunião do Conselho Directivo que se baseou nos Estatutos da Universidade e no Regulamento Interno da FLUC que determinam que em caso de conflito entre órgãos de gestão cabe ao Conselho Directivo deliberar sobre as matérias em questão. Dessa reunião saiu uma decisão no sentido de acabar com as orais obrigatórias indo ao encontro da proposta do Conselho Pedagógico. A argumentação para essa tomada de posição teve como pontos fundamentais a paridade professores/alunos existente no Pedagógico e não no Científico (dado que a avaliação diz respeito a alunos e professores era necessário ouvir ambas as partes) e o democrático funcionamento das instituições já citado.

O fim das orais obrigatórias na Faculdade de Letras não deixa de ser uma lufada de ar fresco na vetusta Universidade a que pertencemos e vem demonstrar mais uma vez que o movimento estudantil deve desempenhar papel preponderante na renovação dos diversos aspectos da academia.

Tiago Maranhão

## RGA'S: Direito não escapa

As listas para a comissão de curso do 2º ano jurídico estão a protagonizar uma das mais aguerridas campanhas de sempre que culminou com um debate no passado dia 10.

Este debate, impropriamente chamado RGA, suscitou a curiosidade de alguns alunos que enchiam a sala no início, embora, com o passar do tempo, apenas restassem uns quantos e desses poucos eram os que não pertenciam a nenhuma das listas concorrentes. Ricardo Castanheira, Sandro Renato e Carlos Loureiro, representantes das listas A, I e X respectivamente, começaram por apresentar os seus programas, tendo depois passado para a discussão propriamente dita.

De imediato estalou a polémica e da discussão do conteúdo programático das diferentes listas rapidamente se passou para questões de âmbito pessoal destacando-se a intervenção do Sandro Renato que acusou elementos das outras listas de pretenderem fazer destas eleições o meio de se promoverem nas juventudes partidárias a que pertencem. Estes recusaram tal acusação embora não passasse despercebida a presença de destacados elementos das referidas organizações político-partidárias.

Entretanto ia sendo notório o crescente desagrado de alguns dos presentes que foram abandonando a sala perante o rumo que a discussão estava a tomar, nomeadamente as quase permanentes interrupções por parte de elementos das listas que estavam na plateia quase não deixando que os seus porta-voz defendessem as suas posições... Por discutir ficaram algumas propostas das listas como a criação de uma intercomissão que reunisse as diferentes comissões de curso, ou o tipo de relacionamento que comissão venha a ter com os professores, nomeadamente no que diz respeito à falta de sumários numa das cadeiras deste ano. Preferiram os intervenientes "entreter" os presentes com assuntos reactivos ao bom ou mau relacionamento com os colegas por parte dos elementos da lista I, com o "romantismo" das propostas da lista X ou em saber se a lista A era ou não uma recandidatura da comissão de curso do ano transacto.

Quando a reunião terminou ficou a sensação de que podia ter sido melhor.

Tiago Maranhão

Venha ver a diferença!..





# Laranjas ácidas

*A estrutura académica da Juventude Social Democrata está radicalmente dividida em matéria de propinas.*

*Ao inspirar um documento subscrito por quarenta e três jovens sociais democratas, a actuação da Direcção - Geral arrecada desde já o mérito de ter provocado, a dois meses das eleições, um rombo na grande casa laranja.*

*O documento que veio a lume na última Assembleia Magna tece críticas à Lei das Propinas e demarca-se claramente da posição defendida no seio da Comissão Académica da JSD/Coimbra. Em declarações a "A Cabra" o presidente da CAC não reconhece qualquer divisão nas fileiras laranjas. Prefere falar em divergências e realçar de vez o apoio à acção da Federação Académica do Porto no processo de Reforma do Superior. Critica o último ano de "mau trabalho" da DG e diz que sem as propinas a equipa de António Vigário estava a zero. Vive-se um "ambiente herético" em Coimbra e hoje em dia "defender o princípio da actualização das propinas é considerado um crime de lesa-academia". João Luís Gonçalves nega com isto que se esteja a lançar na corrida à Direcção - Geral. "Há muita gente válida na JSD" e fala em Vítor Sereno como uma boa hipótese. Mas vai assegurando que o futuro candidato D bem que pode sair de círculos externos à Jota.*

*É um volte-face na estratégia dos laranjinhos na conquista da Academia depois do fracasso chamado Marcelo. É, afinal, a laranja no seu labirinto.*

O espectro da crise paira sobre a Juventude Social Democrata e na Comissão Académica as posições sobre propinas estão mais divididas do que nunca. A ideia de referendar o Contrato Social em Coimbra defendida pelo presidente da Comissão Académica (CAC), João Luís Gonçalves, estourou desde logo com a paciência de alguns sectores laranja já de si descontentes com a maneira como os destinos da CAC estão a ser conduzidos.

Numa altura em que a discussão sobre as propinas está na ordem do dia, o documento em que quarenta e três jovens sociais democratas se demarcam da posição que a JSD subscrive sobre a matéria, funcionou como um autêntico balde de água fria na estrutura laranja. O documento em que o ex-coordenador do Núcleo de Estudantes Sociais Democratas da FCTUC, Fernando Paulo, aparece como primeiro subscritor, critica, entre outros pontos, o Contrato Social "porque aceita implicitamente o aumento de propinas e se limita a ser um conjunto de medidas pontuais". No texto, os estudantes avançam com cinco medidas para uma "reforma real do Ensino Superior" em que se destaca o princípio do financiamento das Universidades Públicas pelo Estado. Curiosamente, o espírito do documento inspira-se nos argumentos que a Direcção-Geral da Académica tem utilizado para rejeitar o acordo social. Apesar de Fernando Paulo, em declarações a "A Cabra", já ter negado qualquer sinal de colagem desses quarenta e três elementos à actuação da DG nesta questão, o certo é que as medidas apresentadas repetem quase literalmente os cinco pontos que a proposta da DG para a Reforma do Ensino Superior consagra no capítulo dedicado ao Financiamento. E as suspeitas de colagem tornam-se tão mais evidentes quando, entre os quarenta e três estudantes, surgem nomes que integram a estrutura e mesmo a cúpula da DG/AAC.

Do lado da Jota laranja esta tomada de posição pública do grupo de Fernando Paulo não traduz qualquer divisão dentro da JSD. Em conversa com "A Cabra", João Luís Gonçalves encara "muito cordial-

mente esta atitude de um grupo de jovens sociais democratas" e a retórica da salutar diferença de opiniões dentro da estrutura vem inevitavelmente à baila para justificar qualquer dissensão mais polémica. Mas João Luís minimiza todo este embróglio e insiste em afastar todas e quaisquer "extrapolações" até porque "muitos subscritores daquele documento já disseram que estão comigo e vão estar na altura própria", continua o presidente da CAC/JSD.

A altura própria surge, surpreendentemente, já em princípios de Fevereiro ou mesmo ainda no mês de Janeiro, com todas as ambições na forja para ocupar a cadeira de presidente da DG/AAC. A este propósito junta-se nova chuva de críticas em relação à operacionalidade e ao debate interno dentro da JSD. Fernando Paulo, em carta remetida ao director d'"A Cabra", diz que "não é segredo que a Estrutura Académica da JSD atravessa uma grave crise, o debate é nulo e a consulta às bases não existe". A carta continua as acusações ao dizer que na CAC o "poder se exerce de cima para baixo no qual alguns indivíduos tomam decisões à revelia da opinião de muitos outros(...) antes da definição de qualquer estratégia". João Luís Gonçalves diz que para já "as coisas estão a ser debatidas internamente e que a consulta às bases se está a fazer" normalmente. A discussão sobre o candidato anda à volta de alguns nomes mas o que é certo é que ninguém dentro da estrutura parece estar disposto a avançar. João Luís vê com simpatia a ideia do candidato sair de fora dos círculos da Jota e sustenta que o "fracasso de Marcelo Nuno o ano passado obrigou a repensar a estratégia". E assim, a hipótese Vítor Sereno, que já desde a Queima vinha sendo sussurrada, parece definitivamente afastada da corrida eleitoral. A prescrição da equipa de António Vigário à frente da luta contra as propinas é também outro factor a que não será alheia esta inflexão dos planos laranjas. Porém, no entender de João Luís Gonçalves, tal argumento cai por terra. "O comportamento da DG este ano foi demasiado mau para ser verdade e, não fora a

questão das propinas, esta Direcção-Geral estava reduzida a zero em termos de trabalho". Esta acha logo se transforma numa fogueira de críticas ao mandato de Vigário no que toca à acção desenvolvida em áreas como a Pedagogia e em concreto "na organização das Jornadas de Acção Social Escolar, de Pedagogia, de Portugal, África, Brasil, na organização do Fórum de Empresas. Onde é que está uma certa continuidade de trabalho?", interroga o jovem social democrata para depois dizer que "se calhar isto é fruto de uma opção que pretende manter o balão de oxigénio que são as propinas". No entanto, na convicção do presidente da CAC, este calor na luta contra as propinas "vai mudar até às eleições" e as hostes laranjas vão ganhar adeptos. A confiança no discurso da Jota é aliás uma das marcas que levam João Luís Gonçalves a dizer que hoje em dia há muita gente que discorda da política seguida pela DG mas não se manifesta porque "fazê-lo no meio deste ambiente herético é considerado um crime de lesa-academia".

Outras observações que a Lista D tem preparado para as eleições de Fevereiro dizem respeito à Revisão dos Estatutos da AAC — uma das grandes promessas eleitorais da Lista E nas últimas eleições. O presidente da Mesa da Assembleia Magna, Fernando Pompeu, vai dizendo que a promessa é para cumprir e, numa profissão de fé, acres-

centa que o mandato ainda não terminou.

Para já esta parece ser a lista de críticas que a Lista D tem na manga.

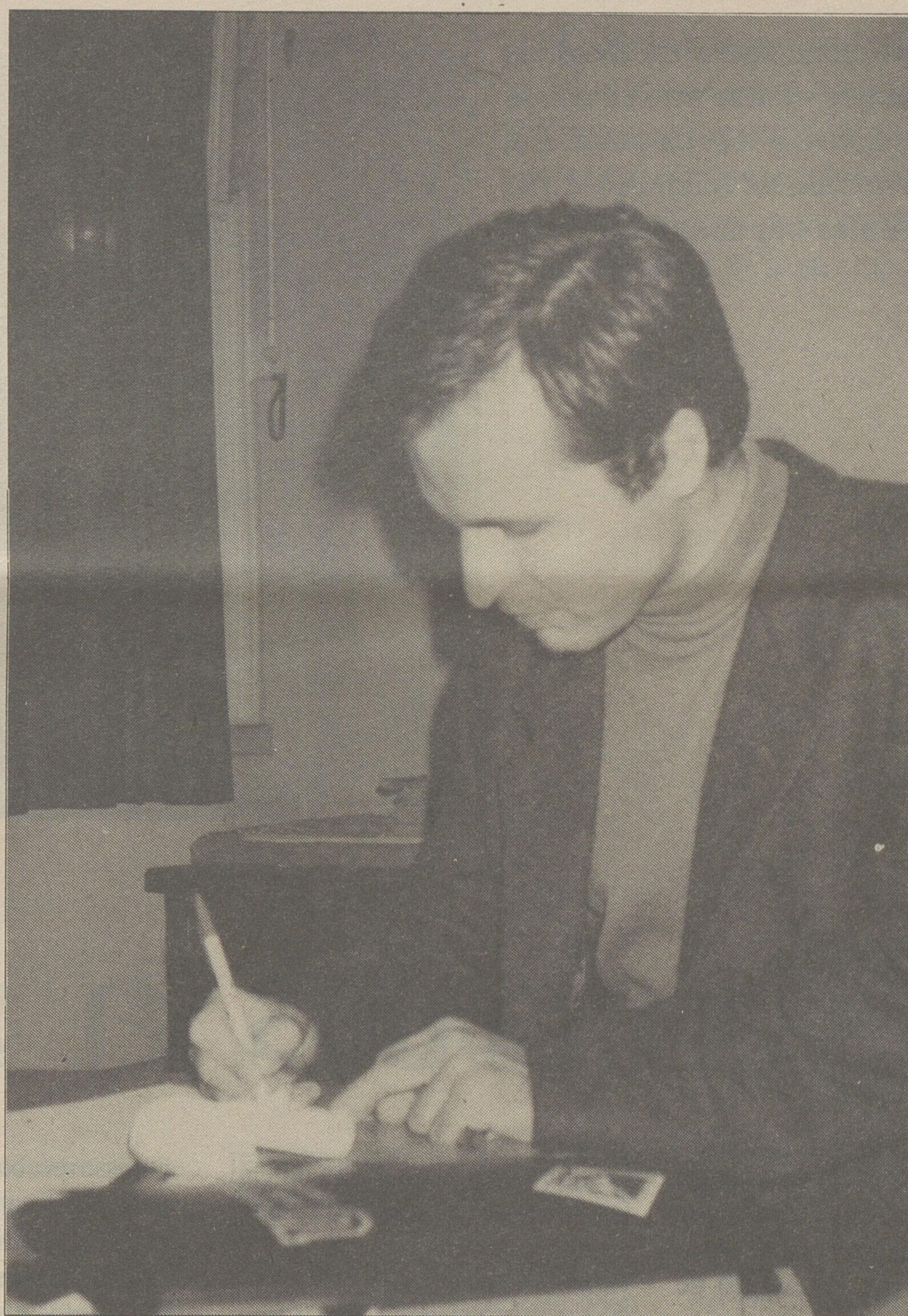
neste momento melhor servem os interesses dos estudantes e não deixa de ironizar sobre a decisão da Juventude Socialista em não apre-

sentar candidato. Mas esta atitude da JS não é de todo surpreendente. A ex-candidata da Lista C, Teresa Gomes, já por diversas vezes veio à público manifestar o apoio a António Vigário, uma das vezes na mesma noite em que o ex-cabeça da Lista D, Marcelo Nuno, o fazia ao subscrever uma moção com o Presidente da DG.

Para a lição eleitoral, se os nomes ainda não es-

tão escolhidos, os argumentos de combate estão assim encontrados. A Lista D vai defender o Contrato Social "porque é um documento onde estão satisfeitas velhas reivindicações dos estudantes" e propor ainda a aceitação do princípio da actualização das propinas. Do outro lado, a Lista E diz que "propinas nem pensar", enquanto que o Contrato Social é visto como "um documento onde estão consagrados meros princípios gerais". E agora, o último que feche a porta a uma discussão que ameaça prolongar-se para além dos limites do bom gosto.

Carlos Picassinós







Uma declaração de amor. É bonito. O vetusto doutor segue com atenção a *retórica* do imberbe caloiro. Que insiste no seu amor. E a diferença de idades não conta.

As límpidas águas do Basóffias servirão sempre - entre outras coisas - para o *baptismo* dos caloiros. É a cerimónia de iniciação. Uma tradição. "Estás baptizada caloira!"



Reparem bem na caloira. U Confiante no futuro, sorri. E esta caloira é diferente. Tem

## Sarau: a Academia n

O Sarau da Festa das Latas, realizou-se, como é da Praxe, numa Sexta-Feira. Como é usual neste tipo de iniciativas, no dia 20 de Novembro a pequena sala do TAGV encheu.

Marcado para as 22 Horas, só às 22h 26m (o tradicional atraso académico), entramos apresentados — o inevitável Quim Reis "97 quilos de peso, 74 cm de altura, feio que nem um boi..." (sic), acompanhado pelo bem mais magro Zé Diogo (da RUC). Perante apupos da assistência, abrem uma das (muitas...) garrafas de espumante e, depois de cheios os copos, fazem um brinde — ouvem-se então as palmas. No meio das "bocas" humorísticas às propinas, que motivaram aplausos, uma mais séria a lembrar que o Sarau se realizava "no dia em que a Indonésia prendeu o homem errado".

Sobe o pano às 22h30m para a actuação do Orfeon Académico de

Coimbra e do Coro Misto da Universidade de Coimbra para a interpretação conjunta do Hino Universitário Internacional "Gaudemus Igitur". O palco estava decorado com um painel caricaturando o Presidente da República, Dr. Mário Soares, e o Primeiro-Ministro Cavaco Silva dizendo respectivamente "Esta caloira não paga" e "Esta caloira paga", com Torre da Universidade como pano de fundo e uma caloira de traços bem delineados.

Cai o pano e quando volta a subir assistimos à actuação do Orfeon Universitário de Coimbra, desta feita sozinho interpretando várias peças clássicas e modernas, nomeadamente um "mutete em Ré", uma peça desconcertante que leva a assistência ao rubro. Segue-se-lhe o outro agrupamento de música coral da Academia - o Coro Misto - interpretando um repertório composto por peças clássicas e de índole popular (Portuguesa e Galega), talvez

por isso recebendo um acolhimento mais positivo por parte dos espectadores presentes.

Logo de seguida, cerca das 23 horas, efectuou-se a merecida homenagem à Secção de Pesca Desportiva da AAC, Campeã Mundial de Pesca Desportiva por Clubes de 1992, em prova realizada em Mérida. O Presidente da Secção entrega, então, a Taça conquistada ao Presidente da DG da AAC - António Vigário - que lança um EFE-ERRE-Á "Com a cana na mão", findo o qual é apresentado o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra que, após uma ausência de três anos, regressa finalmente ao contacto com a Academia Coimbrã. Valeu, contudo, a pena esperar, visto a sua actuação ter sido, a todos os títulos, excepcional: pela seriedade do trabalho apresentado, pela qualidade da investigação etnográfica levada a cabo, pela diversidade das formas de expressão

e sobretudo pela vivacidade e colorido que o tornou sem dúvida alguma, um dos pontos altos deste Sarau. Mereceu assim largamente os aplausos com que foi banquetado.

A terminar a primeira parte, apresentou-se mais uma vez, à Academia, o Grupo de Cantares Madeirenses, mais cedo do que o previsto, devido à ausência injustificada do Coro da Capela da Universidade de Coimbra e do Grupo Complementar de Fado do Orfeon. Grupo voltado à divulgação da música tradicional da Madeira, com uma excelente voz feminina, encarnaram bem o espírito do povo Madeirense.

Depois dum intervalo retemperador, iniciou-se a segunda parte com a demonstração das potencialidades da Secção de Ginástica da AAC, com as suas piruetas e cambalhotas. De salientar o baixo nível etário destes desportistas. No entanto, e enquanto os colchões da Ginástica eram retirados, Quim

Reis e Zé Diogo, armados de capacetes, presenteiam a plateia com o "sui generis" e dissonante concerto para martelo, serrote e pregos. Depois de finda a operação chega a vez de ser chamada ao palco a Orquestra Típica e Rancho, dada a falta de comparência da Secção de Judo da AAC. Pretendendo a recolha e divulgação do Folclore da região de Coimbra, representa, por isso, um papel único dentro da Academia. Apresentou, assim, peças tradicionais Coimbrãs, sem faltar o "Vira de Coimbra", acabando com a "A Padeirinha". Palmas para terminar a actuação.

Por volta da 1h15m, chega a vez do Grupo Complementar de Música Popular do Orfeon, que insistiu na música minhota dando-lhe o cunho de qualidade a que o Orfeon já nos habituou. Terminaram com "Vira de Coimbra" adaptado à realidade premente do momento - as propinas.



# tejo



Um caloira, como muitas outras. Ela com atenção para nós. Mas não na pinta no nariz.

O descanso dos doutores. A "terceira idade" observa. "Mas o que é isto?" É que...o Cortejo cansa. É como a Maratona. Ou a Marcha. Só quando não há treinos. Valha-nos o sumo de cevada. É o nosso *Enervit Proteín*.



O Cortejo chegou ao fim. Os doutores preparam-se para a noite boémia que se segue. Mais uma. Uma caloira exausta, dorme, exibindo as suas latas. *E não só*. A sua amiga não se cansou. Está aí p'rás curvas.

# mostra o que vale

Texto: José Eduardo Dixó,  
Paulo Sérgio Ferreira

Acabada a actuação entram no palco as Fans dos Fans, que inocentemente confiam a sua mascote ao apresentador Quim Reis, que enquanto estas prosseguem a sua actuação se entretinha brincando com a roupa interior... da dita mascote. Prosseguindo a linha traçada pelo grupo anterior começa a actuar o Choro Místico Ginjaballaya que, numa demonstração de criatividade, cantou o "Vira das propinas" com as quadras do "Vira de Coimbra" devidamente alteradas:

"Coimbra p'ra ser Coimbra  
Três coisas há-de contar  
Mais quartos, boas cantinas,  
Propinas por aumentar"

Momento mais grave e sério se segue com o Grupo de Fados "Alma Mater", apesar do feed-back e de uma corneta teimosa que vinda do balcão teimava em perturbar a doce melopeia do Fado, que interpretou o seu reportório costumeiro, terminando assim, a segunda parte do

Sarau.

Às três horas da madrugada entra a Fan-Farra, que apresentou o seu primeiro álbum, que segundo indicações do "Capê" se gravará no próximo dia 19 de Dezembro e se intitulará "Trovador".

Cerca das 3h34m o fiasco do Sarau-Petrus Cabralius "Dux", antes de mais, o "Dux" chegou a entrar? Se entrou ninguém deu por ele. O Sousa, personificado pelo ilustre Tó Nogueira, mal fez sorrir o público, quer pelas piadas velhas que contou, quer pelo péssimo sotaque tripeiro que só a espaços produziu o efeito desejado. Salvaram-se no entanto algumas piadas à FAP e ao seu presidente Diogo Vasconcelos.

Seguiu-se um dos momentos altos deste Sarau a "semper irreverentissimae"... Orxestra Pitagórica, que procedeu à entrega dos "Óscar d'alho" -um para o Sr. José Montes Calhau, proprietário do café "Mo-

chambique" por ter facultado as instalações do mesmo para a rotação da novela "Pedra Sobre Pedra"; o "Prémio Vidal Sassoon" para o Doutor Orlando de Carvalho; e o último para as meninas da Típica pela sua ajuda na preservação das florestas virgens. Não se limitando a uma mera crítica à Secção de Fado, a Orxestra criticou alguns "spots" publicitários da RTP, bem como certas figuras carismáticas da Academia-Vigário (Vigárix, o Bardo) e Quim Reis (com o inevitável cachimbo). Fizeram também um ataque frontal à bandalheira reinante nas Serenatas Monumentais, demonstrando que a irreverência Académica, com estes Senhores, joga em casa.

A Tuna de Vila Real, convidada especial, demonstrou uma certa vitalidade, conseguindo animar o público, em especial com o seu "Fado da CEE". Nota especial para a elástica menina da pandeireta. Termina-

ram com o grito da Tuna (muito semelhante ao da Tuna do Orfeon do Porto).

Como é habitual, a Estudantina é deixada para final da festa. Mantendo o espírito Estudantino, com um misto de sacrifício, o pandeireta ("OTáxo") mesmo de pé engessado não quis deixar de comparecer a mais este Sarau do Caloiro. Com uma actuação não distante do que nos habituou quer em termos de qualidade quer quanto às músicas apresentadas, sem esquecer "boca" ao "João, cuja mãe é prostituta e o pai chulo, e que, apesar do rendimento mensal elevado, se bem que não declarado, não vai pagar propinas -Filho da Puta! Finda a actuação -perto das 5h30m- retira-se e, com eles, uma grande parte do público.

Azar o deles! Perderam, sem dúvida, uma ótima actuação do Grupo de Fados da Tuna Académica de Coimbra, que terminou com um

excelente ensaio em Ré menor, composto pelo guitarrista Tiago Cunha.

Com a retirada do último grupo terminou, assim, mais um Sarau Académico, com o Quim Reis e o Zé Diogo de pijama, enfiando-se em sacos-cama, descansando da "extenuante" tarefa de apresentar um Sarau.

Em conversa informal com os vários Grupos e Secções da Academia participantes, todos eles salientaram o importante papel do Sarau da Festa das Latas, como cartão de visita da AAC junto dos caloiros. Foi pois, com um especial carinho que se prepararam para este espectáculo de cariz pedagógico junto das mais recentes "aquisições" desta vetusta Academia.

Para terminar, um agradecimento muito especial à Organização pelas inúmeras facilidades concedidas a "A Cabra". É um exemplo a seguir. Bem Hajam!



# "O estudante não

Das residências às bolsas, dos Serviços Médico-Sociais ao D. Dinis. O dr. António Luzio Vaz, Vice-presidente dos Serviços Sociais da UC é o homem que tudo controla e resolve. Fomos pedir-lhe para falar com ele e encontrámo-lo, enérgico e cheio de trabalho, mas, como sempre, disponível para nos ouvir e nos contar as histórias que enchem o dia-a-dia de quem tem de lidar com os estudantes. No fim, prometeu-nos uma visita, e, quem sabe, vir tomar um copo connosco ao D. Dinis. Cá ficamos à espera...

"A Cabra" O que são os Serviços Sociais? Que serviços estão ligados aos Serviços Sociais?

Dr. António Luzio Vaz: Bom, como sabe os Serviços Sociais têm por fim a pressecução da acção social escolar.

Os SS pode dizer-se que começaram de uma forma embrionária. Eram serviços que funcionavam junto da Reitoria, um pouco à mão do Reitor, de uma forma um pouco discricionária, porque não haviam regras estabelecidas de acção social escolar.

A acção social escolar já foi importante na Idade Média. Até no tempo do D. Dinis. Curiosamente este rei recomendava numa carta que os cidadãos da cidade de Coimbra fossem mais comedidos nas rendas dos quartos, fossem mais comedidos na pensão que levavam aos estudantes. Já havia a preocupação dos custos económicos e do bem estar dos estudantes. É razoável. Os estudantes deslocam-se das suas famílias, dos seus agregados para uma cidade. Bom, *primum edere, deinde philosophare*. Naturalmente que há primeiro que pensar no meio da vida, vamos a ver, na alimentação. E *primum edere*, pri-

meiro comer, num sentido lato, com o sentido de alimentar, vestuário, livros, medicamentos e alojamento, tudo isto. Portanto é natural que a Universidade, ao longo do tempo, se tenha vindo a preocupar

1966 como instituição, com personalidade jurídica, com a preocupação de arranjar residências, criar refeitórios e bolsas de estudo.

Isto cresceu de uma forma um pouco instrumental até ao 25 de

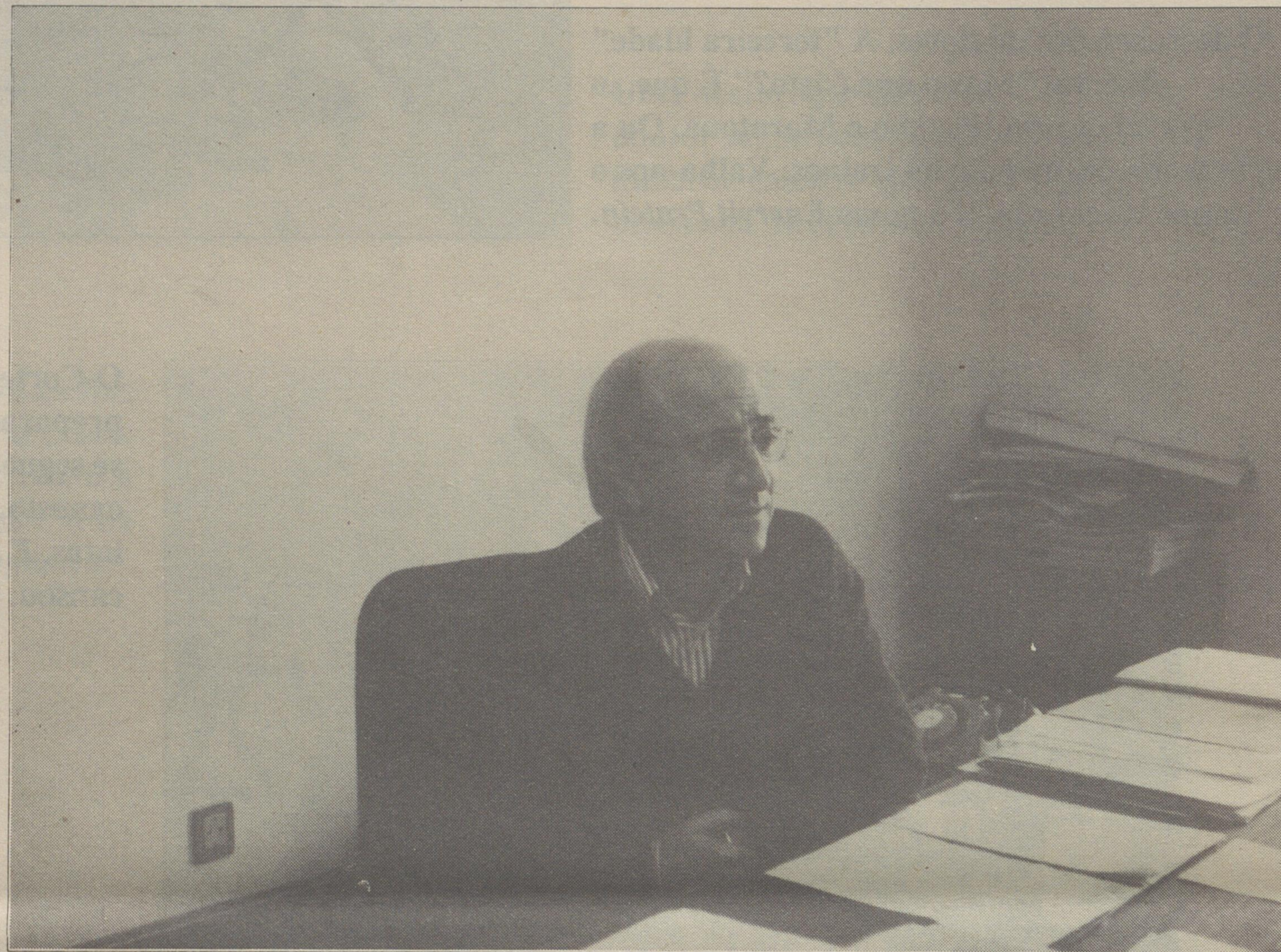
porto, apoio à cultura, de que todos, ao fim e ao cabo, necessitam. O estudante deslocado do seu meio familiar necessariamente que chega a Coimbra e não pode viver exclusivamente entregue a um mercado

As cantinas são o lado mais óbvio da actividade dos Serviços Sociais...

Não gosto do termo cantinas, acho o termo cantinas horrível, só o termo cantinas me faz perder o apetite. Em Coimbra, e acho que Coimbra é pioneira nesse campo, temos tentado transformar um pouco as cantinas em restaurantes universitários, os grills, os snack's, a pizzaria. A alimentação é das coisas mais importantes que nós temos. Daí que haja cada vez mais a preocupação de exigir de quem come uma intervenção directa na escolha do alimento. Nós em Coimbra procuramos, pelo menos, pôr o estudante a escolher, abre-se-lhe a alternativa, mas não é uma alternativa de dois pratos, não, uma alternativa de restaurantes. Temos depois a cantina social que é ainda o elo, aquilo que, na minha óptica, deve acabar.

É verdade que as cantinas dão lucro?

Elas nunca deram lucro. Se me perguntar assim: a cantina que o estudante paga cobre os géneros? Cobre. A regra é esta: o estudante paga 220\$00 e cobre os géneros. Mas agora é preciso pôr o pessoal, é preciso pôr a higiene e limpeza, os guardanapos, água, luz, os chamados encargos indirectos e isso é um balúrdio porque realmente Coimbra tem uma carga de pessoal muito grande. Sendo os Serviços Sociais maiores e mais antigos, tem também uma faixa etária de funcionários já muito velha. Daqui por mais quatro ou cinco anos, talvez haja a possibilidade de renovar uma série de funcionários que estão na pré-reforma. Isto poderá dar um alívio extraordinário e baixar, provavelmente, o custo das refeições. As cantinas não dão lucro. O que os estudantes pagam cobre o preço dos géneros mas não o resto e o resto é sensivelmente metade. O custo da refeição, com tudo incluído ronda os 400\$00. Os



com o bem estar do estudante no sentido de o acomodar para depois lhe ministrar os ensinamentos, a investigação, tudo isso.

Há 30 anos a Universidade tinha menos de um terço dos alunos que tem agora. Quando os estudantes eram tão poucos, Coimbra quase acudia à necessidade dos estudantes. Ainda me lembro dos tascos que havia: a "Chabregas", e a "Morte Lenta", as Repúblicas que eram mais na altura.

Com a chamada democratização do ensino, ainda antes do 25 de Abril, no final do marcelismo, já com o Ministro Veiga Simão, há de facto um boom para o ensino, todo um acesso às Universidades que antes não havia, um salto muito grande no número de alunos. Daí haver a necessidade de ofertas de quartos, de pensões, de restaurar. Note-se que isto é um movimento a nível europeu.

Ora bem, a reitoria começou de uma forma um pouco casuística mas só que isto atingiu um estado de tal ordem e volume que houve a necessidade do Governo e a Universidade agarrarem isto. E então os Serviços Sociais são criados em

Abril.

No 25 de Abril dá-se então o grande boom de acesso ao ensino, desenvolve-se a democratização que se tinha ensaiado no período pós-marcelista e Veiga Simão, tendo-se criado as comissões de bolsiros, comissões de residentes, comissões de alimentação. Portanto, há toda uma transformação, em Portugal, um pouco como sucedia na França e no resto da Europa.

E depois do 25 de Abril?

Após o 25 de Abril faz-se sentir uma maior necessidade de acção social escolar. O Ministério centralizou toda a acção social do ensino no IASE que geria e superintendia nos diversos

(...) a ideia de que o estudante é um privilegiado, trata-se de uma ideia egoísta (...).

Serviços Sociais que foram sendo criados aqui e acolá. Em 1980 é publicada a primeira Lei de Bases a nível nacional, que institui a abertura em cada Universidade uns Serviços Sociais com autonomia financeira e administrativa, que têm por fim a acção social escolar, cujo objectivo é a concessão de auxílio económico aos estudantes que necessitam de recursos bem como a prestação de outros serviços aos estudantes em geral: papelaria, serviços de alimentação, apoio ao des-

por vezes altamente especulativo. Está em desvantagem em relação ao cidadão comum, está deslocado do seu agregado. Quando às vezes há um pouco a ideia de que o estudante é um privilegiado, trata-se de uma ideia egoísta, porque o estudante não é um privilegiado, o estudante está deslocado do seu agregado e como tal é razoável que a Universidade se preocupe em proporcionar-lhe condições de vida que lhe seriam proporcionadas no meio do agregado familiar, que não tem. Tudo isso é perfeitamente razoável e resulta de certo modo da Constituição. Quando ela fala em gratuidade progressiva do ensino é um pouco nesta filosofia: há que dar ao estudante um mínimo de condições que lhe permitam prosseguir os seus estudos, porque ele não está num ambiente familiar.

Qual é o apoio que os Sociais dão a nível do desporto?

A nível do desporto ainda é onde apoiam menos. Os Sociais dão todo o apoio logístico que podem, neste caso, mas não há ainda uma regulamentação específica como há para as bolsas, para a alimentação ou para a saúde mas estamos numa fase embrionária de apoio. De qualquer modo os vários diplomas que estão na forja já incluem o desporto como uma particularidade específica e regulamentada de apoio aos estudantes.





# o é um miserável''

estudantes pagam 220\$00, um pouquinho mais de metade.

**Foram os SSUC que no dia da manifestação forneceram o pequeno almoço reforçado?**

Pois, com todo o gosto, naturalmente. Os SSUC estão cá para servir os estudantes. Nessa medida afigura-se razoável tudo o que é arranjado pelos estudantes a nível de colectivismo. Quando a Academia tem realizações, sejam elas dos mais diversos níveis, é obrigação dos Sociais associar-se às realizações da

os Anteros de hoje, são os Eças de hoje, são, na verdade, os indivíduos que amanhã serão julgados pelos que vierem a seguir.

**Há uma proposta dos SSUC para aumentar o número de camas disponíveis para alunos residentes, não é assim?**

Sim, inspirado um pouco nas linhas de crédito eu acho que é possível o acesso ao crédito. Vamos lá ver, um empréstimo de 1000 contos custa 10 contos por mês. Ora se 1000 contos custam 10 contos/mês,

ring que é praticado no nosso país mas que não é bem a mesma coisa, é pouco mais refinado e inspirado no crédito à habitação jovem. Isto pode dar um movimento enorme na recuperação de casas antigas e permite que qualquer estudante recorra ao crédito, sem sobrecarregar os pais, e além disso sem ter de avaliar, porque o aval é dado pelos Serviços Sociais. Esse aval está apenas em garantir os 10 contos, que é a prestação fixa mensal. Não há problemas em garantir isso porque a procura é muita.

**Mas isso não se aplica provavelmente aos bolseiros, que não pagam residência.**

Pois não, mas o lugar da residência daqui a 15 anos, ou 10 (neste

os Médico-Sociais estiveram mal...

Os Médico-Sociais estiveram muito tempo em crise por duas razões, de ordem interna e de chefia. Bom, isso só se resolvia passando por uma grande remodelação. O senhor Reitor incumbiu-me de fazer o relatório daquilo, eu passei a ter a responsabilidade dos Médico-Sociais e procurei encontrar uma pessoa, um médico com longa experiência de gestão e parece que estão agora a

**Têm vindo a abrir novas especialidades, não é?**

Temos alguns protocolos com

**Vocês são os Anteros de hoje, são os Eças de hoje, são, na verdade, os indivíduos que amanhã serão julgados pelos que vierem a seguir.**

os HUC e com outras instituições de saúde. Médicos que vão lá prestar serviços gratuitamente no horário de serviço das instituições onde trabalham. Estão dispensados e é como se estivessem a trabalhar nos

**As cantinas não dão lucro. O que os estudantes pagam cobre o preço dos géneros mas não o resto e o resto é sensivelmente metade (...).**

Academia. Se isso fôr o pensar da Academia, os SSUC estão lá. Claro que não para interferir de forma alguma no pensamento dos estudantes mas para apoiar logisticamente tudo o que é manifestação estudantil. Quando se fala na questão coimbrã do século passado, uma realização cultural de vulto que hoje ainda faz luz, certamente que os Serviços Sociais, se existissem, apoiariam

qualquer estudante pode ir ao crédito e com 1000 contos compra aos Sociais uma cama e paga aos Sociais, que por sua vez canalizam a verba que o estudante paga, os 10 contos, para o banco, durante 20 anos. Ora, os quartos agora custam 15 contos, a cama, mais ou menos. Daqui a 5 anos, 10 contos não é nada. Portanto o estudante ao fim de 5 anos pagou apenas 10 contos e

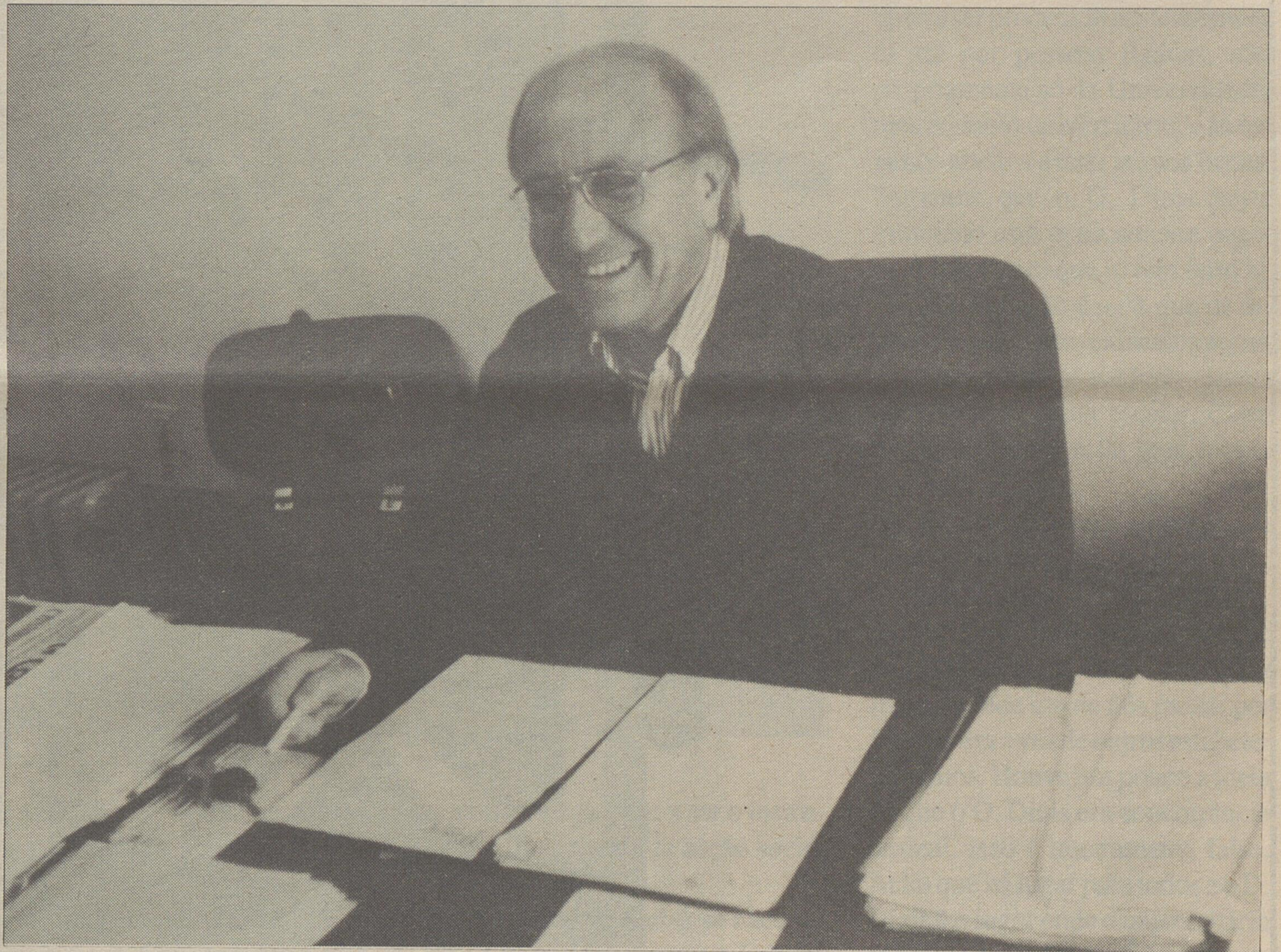
está num quarto que é dele e pode depois negociar esse quarto. Pode depois vender esse quarto a outro estudante tanto por 1000 contos como por outro montante qualquer, o que vai fazer diminuir o preço dos 10 contos que ele pagava. Estou em negociações com a banca e com a Câmara Municipal. Pode ser que desencadeie um movimento de construção de residências e construção académica enorme, pode ser um grande avanço na resolução deste problema.

**Isto será um pouco a resposta ao Contrato Social que pretende triplicar as camas...**

...isto não tem nada a ver com o Contrato Social. O Contrato Social será uma linha e isto é uma linha à parte, quer dizer, é completamente diferente do Contrato Social.

Isto é uma ideia que já se arrasta de há uns tempos a esta par-

te ainda a ser estudada, inspirada um pouco no sistema de *time sha-*



momento pagam 5 contos), é capaz de ser já alguns 10 ou 15 contos. Daqui por 15 anos continuamos a pagar só 10 contos ao Banco, que é a prestação fixa por 20 anos.

**E ao fim de 20 anos não vai haver um aumento?**

Ao fim de 20 anos não, porque a casa é nossa. O Banco só financia. A cama é, digamos, do último estudante que lá estiver.

**E os Bancos estão receptivos à ideia?**

O Fonseca e Burnay e o Sotto Mayor mostraram-se receptivos, porque não perdem. Eles praticam uma taxa de juro na ordem dos 20%. Aliás nem é um esquema novo, é o esquema que o banco já pratica. O banco ganha com isto.

**Mudando um pouco de área:**

começar a estabilizar.

**Quem é essa pessoa?**

O dr. Albano de Melo. É um homem que apesar dos 70 anos e de

**Neste momento a preocupação é que a nova Lei de Bases dos Serviços Sociais parece que quer acabar com os serviços médicos existentes organizados.**

estar aposentado tem muito vigor. Fui um pouco como os gregos, que iam buscar as pessoas de idade com alguma sabedoria.

Este homem foi director do hospital da Universidade de Coimbra, foi gestor do hospital, um grande médico e curiosamente de todas as pessoas com quem falei ninguém fez um comentário negativo.

hospitais. Isso deve-se já à acção do dr. Albano de Melo.

**E os problemas foram todos resolvidos?**

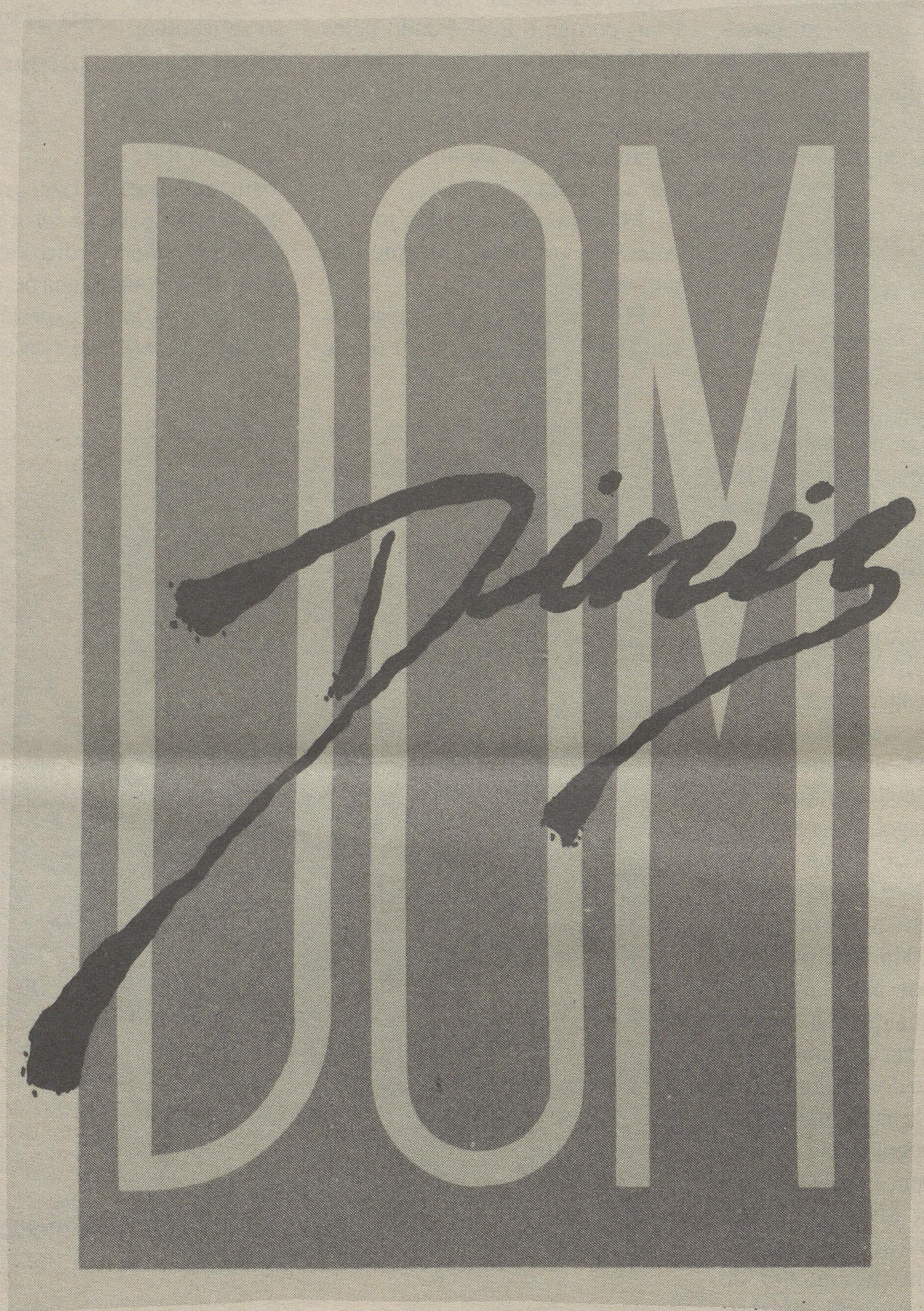
Há ainda um grave problema, que é o apoio que os Médico-Sociais dão aos funcionários. Eu não sou contra isso, mas entendo que isto não devia ser suportado pelos Serviços Sociais, porque uma boa fatia da verba da acção social escolar vai também

para o apoio médico aos funcionários e devia ser só para estudantes. Não quer dizer que os funcionários não se servissem lá mas os funcionários têm as regalias do ADSE e têm esta dupla regalia. A própria forma de medicina orientada mais para os estudantes tem uma filosofia mais de rastreio, pedagógica, preventiva. Sendo para os funcionários,

todas essas reivindicações de Antero, Eça e companhia. Vocês são



# CENTRO CULTURAL E DE CONVÍVIO



MÚSICA AO VIVO \* EXPOSIÇÕES \* CINEMA \*  
SERVIÇO DE BAR

*AGORA COM NOVA SALA DE PIANO*



# "Primum edere, deinde philosophare"

Entrevista: Carla Silveira, Tiago Maranhão  
Fotos: Teresa Gomes

a faixa etária é mais elevada, já entra um pouco na medicina curativa. Isto prejudica um pouco a outra.

**E quanto a medicina orientada para a prática do desporto?**

Eu tenho o apetite um pouco aguçado para a medicina desportiva. No Estádio Universitário vamos com a AAC ver se se consegue uma cantina que sirva refeições orientadas para a prática do desporto.

**A nova Lei de Bases dos Serviços Sociais traz novidades em relação aos Serviços Médicos?**

Neste momento a preocupação é que a nova Lei de Bases dos Serviços Sociais parece que quer acabar com os serviços médicos existentes organizados. Portanto, os Serviços Sociais que tendem agora à prestação de saúde, socorrer-se-iam dos Serviços de Saúde já existentes. Mas eu não estou a ver isso com muito bons olhos.

**E porquê?**

Porque eu não estou a ver o estudante em bichas longas, aí nos Postos de Saúde e não pode ser, porque é necessária uma medicina específica, voltada para o jovem. Eu vejo com alguma apreensão, se realmente os Médico-Sociais forem extintos e ficarem os Sociais com o ónus de se preocupar com a saúde dos estudantes. É que, não tendo meios para o fazer, não-de ter de contar com os meios dos outros e isto filhos de mulher alheia, é complicado, passo a expressão... Como é que os Sociais vão depois exigir protocolos com os Serviços de Saúde, com os HUC? Não estou a ver que seja fácil conseguir isso. Eu sou apologista mais de que haja em cada Serviços Sociais Postos de Saúde, embora não propriamente clínicos, o que seria um exagero. Só protocolos acho que é pouco. Agora vamos encontrar aqui uma forma eclética. Parte em protocolos e parte em apoio no campo do rastreio e no campo da medicina preventiva orientada sobretudo para o desporto.

**Quer dizer que pensa que os estudantes não necessitam de medicina curativa?**

É particularmente notório que os estudantes necessitam sobretudo de duas especialidades no campo da medicina curativa, que são a estomatologia e a oftalmologia. Nós temos hoje quatro estomatologistas, comprá-mos recentemente duas aparelhagens inteiramente novas e não dão vazão... Isto é sinal de que o universitário, ao contrário do que se diz, tem uma preocupação -e bem- com um aspecto de saúde que já não é só de prevenção.

**Dos Médico-Sociais gostaria**

**de passar para as bolsas: quantos bolseiros há?**

Cerca de 2000 bolseiros.

**Mas as bolsas não são muito elevadas...**

A bolsa tem um aspecto complementar. A bolsa de estudo, neste momento, não é uma bolsa no sentido de cobrir na totalidade as despesas do estudante. Tem como filosofia apenas um princípio de complementaridade. Isto é discutível, esta filosofia não é minha. Mas eu acho que o princípio da cooperatividade deve continuar a subsistir, em função da necessidade do agregado. Agora, o quantitativo, aí é que se põe o problema. Eu sou apologista do salário mínimo nacional. A bolsa igual ao salário mínimo nacional, e a partir daí, uma regra muito simples: os rendimentos dos agregados são calculados, são imputados *per capita* e subtraído-se ao montante do salário mínimo nacional. Encontramos então aqui, à partida, um estudante com o salário mínimo nacional que tem os 45 contos para estudar em Coimbra: para pagar refeições, alojamento, livros, vestir-se, calçar-se, e ir beber um copo, uma vez ou outra. Isto não chega, mas é claro que são raros esses casos, muitos estudantes têm uma tia, uma madrinha, na hipótese de os pais não poderem, que lá vão dando alguma coisa. Sabemos que é assim e temos que actuar de acordo com a realidade. O estudante deve ter o necessário, sem exageros. Mas ter menos que o necessário também é prejudicial. O estudante que não tenha o necessário para poder estudar, alimentar-se, vestir-se, decentemente, não pode dar o rendimento que lhe é exigido.

Por vezes os pagamentos são um pouco protelados, vêm tarde, outras vezes não vem o reforço. Nós vamos tentando salvaguardar estas situações dando senhas de refeição. Por sua vez, isto vai constituir um crédito das cantinas às bolsas. Depois, quando vem o dinheiro, paga-se-lhes e vamos gerindo assim, de modo que, aqui em Coimbra, nunca ninguém ficou sem comer, como nunca ninguém, por causa da bolsa, teve prejuízos graves. Há sempre uma forma de adiantamento.

**Falou da nova Lei de Bases dos Serviços Sociais. Então e a nova Lei 20/92, a famosa lei das propinas, não vai provocar mudanças nos Serviços Sociais?**

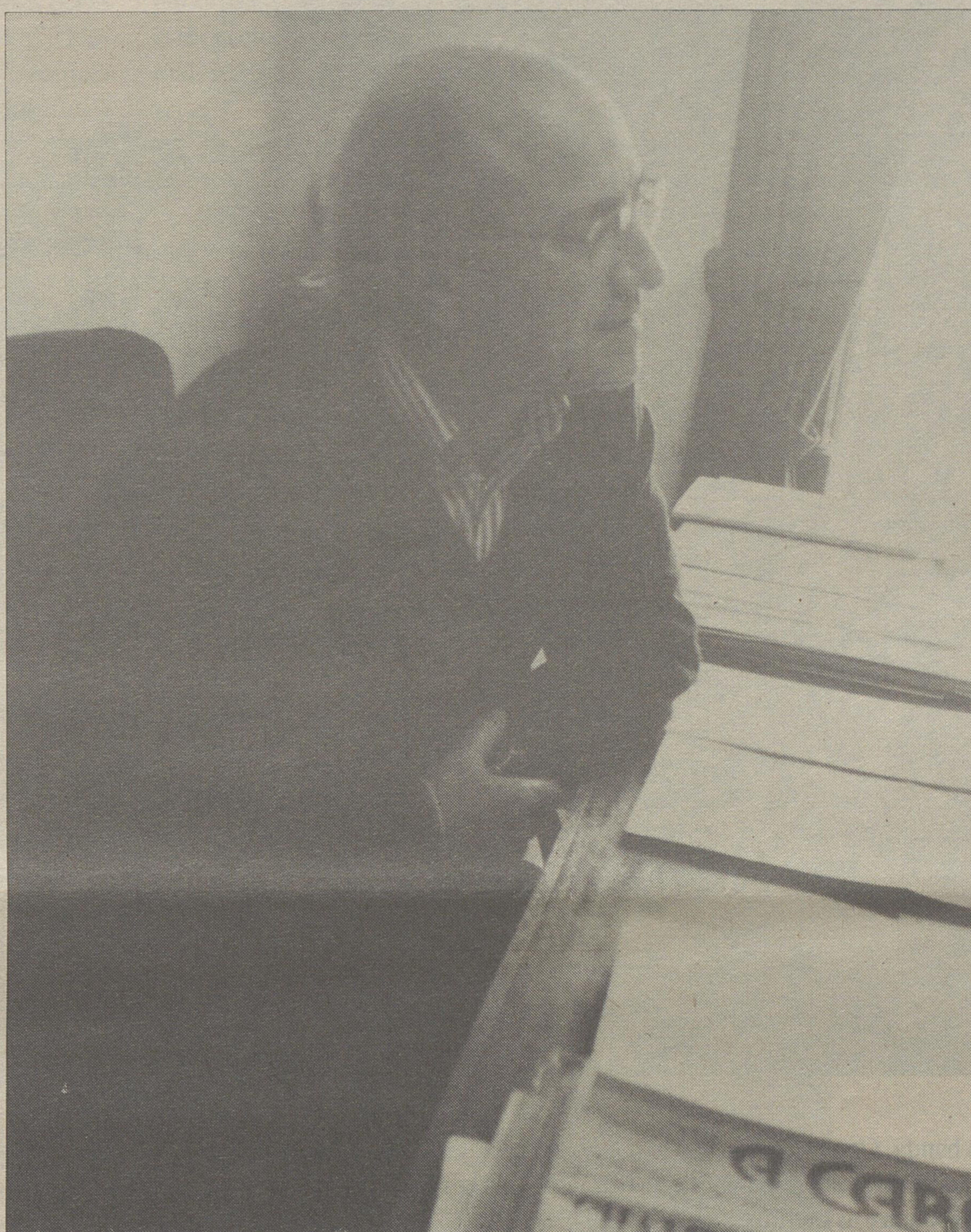
A lei das propinas não tem nada a ver directamente com os Serviços Sociais. A lei das propinas procura financiamentos para as Universidades e recomenda no seu preâmbulo que estas verbas sejam encaminhadas para a acção social escolar. O que acontece é que isto é uma forma do Governo conseguir financiamento para acudir à acção social

**Como é estipulado o número de bolseiros?**

Não há numerus clausus. Todos aqueles que obedecem às regras que estão em vigor têm bolsa. Se

não houver dinheiro, a gente faz barulho e lá vem vindo, às vezes com dificuldades, mas lá vem vindo o dinheiro, dentro das regras que estão em vigor.

**Há muitos atrasos...**



nas no que concerne a ser o instrumento financiador da acção social escolar.

**E se os estudantes se recusarem a pagar propinas e o Estado não financiar, como é? O dinheiro não vai chegar...**

Bom, tudo depende, aí alguém tem que financiar. Era bom que a alimentação, o alojamento, etc., tudo isso se conseguisse com uma varinha mágica. Agora, se vem das propinas, se vem do Ministério, donde vem, isso já não é comigo... como gestor. Tem que vir de algum lado.

**Mas os Serviços Sociais não procuram formas autónomas de financiamento?**

Efectivamente os Serviços Sociais estão também a procurar providenciar algumas formas de financiamento. Nas próprias cantinas, há um determinado número de pratos que foge um pouco ao normal. Eu sou um pouco contra o miserabilismo. Acho que o estudante não é um miserável. Acho que o estudante tem muitas dificuldades de ordem financeira, mas também tem e deve

ter, e é bom que tenha a possibilidade de, de um dia para o outro, vai com a namorada, com o namorado, tem cá os pais, pois porque não uma refeição melhor? Porque não encontrarmos nos Serviços Sociais um restaurante mais sofisticado, no ponto de vista da alimentação...?

**O D. Dinis é outra das formas de conseguir financiamento?**

O D. Dinis foi criado com a preocupação de encontrar um espaço aberto à cultura para a Academia. À cultura e ao convívio académico. E tem sido um expoente razoável disso, já que congrega ali diariamente umas largas centenas de estudantes que convivem. Têm sido feitas lá exposições de pintura, escultura e histografia, vários livros foram lançados, várias realizações de ordem cultural têm sido lá feitas, com êxito. Continua aberto e continua a ser procurado neste momento até por pessoas ligadas, não propriamente só da Universidade, mas ao meio universitário, e lá estamos abertos a isso, até aos liceus. Digamos que o D. Dinis neste momento está praticamente pago, com o dinheiro que se tem feito lá. E a preocupação é a de que os dinheiros que lá são realizados sejam todos canalizados exclusivamente para a acção social escolar. Claro que isto é uma gota de água, mas já é alguma coisa.

**O D. Dinis insere-se um pouco no âmbito da cultura acessível...**

Absolutamente. O D. Dinis como já referi teve essa preocupação e acho que é um êxito. Hoje, faz parte de cada um de nós passar por lá e não tira a vez de outros estabelecimentos. Houve um pouco a ideia de que o D. Dinis era concorrência desleal. Isso é inteiramente falso. Acho que há lugar para todos e o D. Dinis é o lugar onde o universitário se sente universitário. É importante que o estudante vá também ao D. Dinis, que não é um Pub, é realmente um Centro Cultural, de convívio, frequentado essencialmente por universitários.

**Que projectos para o D. Dinis?**

Neste momento abriu mais uma sala, a sala de música, e sala de exposição de pinturas. Vamos continuar a incrementar a possibilidade de a Academia lançar lá exposições culturais, a sala da música tem piano, têm-se feito contactos com o Conservatório de modo a que haja a possibilidade de diariamente, ou determinadas vezes, os elementos do Conservatório que estão a dar os primeiros passos possam lá dar apresentações culturais, musicais. É uma possibilidade de ser aqui um espécie de palco de ensaio para esses alunos. Temos várias exposições em realização, alguns músicos têm também feito alguns contactos connosco. Já não é mau...

**A lei das propinas não tem nada a ver directamente com os Serviços Sociais.**



# Taky, Tonicha e Velvet Underground

O pavilhão do OAF estava cheio. Segundo a organização, venderam-se 2300 bilhetes. A lembrarmos que "Punk's not dead" lá estavam uns quantos cortes de cabelo extravagantes, e as respectivas "Doc Marten's". Os alunos do liceu estavam em peso e ruidosamente, com algumas batinas (muito poucas) à mistura.

Marcado para as 22.00h, só às 22.40h se apagam as luzes e entra em palco a banda que usualmente acompanha os ENA PÁ 2000 - "Roxigénio" ou "Trio Bandalhoka", nem eles sabem muito bem... Primavam sobretudo pelo aspecto: o baixista pelo seu cabelo "semi-rapado" e muito comprido atrás; o guitarrista aspecto "metaleiro", com o inevitável cabelo comprido; o aspecto "estranho" do baterista - cabelo rapado e barba rala. O "heavy-metal" temperado com uma pitadinha de "punk", num inglês gritado não aqueceu a assistência com uma ou duas cabeças a abanar, e fazendo com as mãos a fálca simbologia heavy. Meia hora durou a fria actuação. Entretanto o público chama pelos

ENA PÁ.

Às 23.30h, perante os gritos de "ENA PÁ" e (!) "Académica", entra

o António Ferro (bataques, vozes e dança) equipado com uma camisola do Barcelona, sua paixão de in-

"Ménage à trois" a começar, e "Sexo na banheira" logo a seguir começam a levar o público ao rubro.

deixou de correr nas mãos da banda. Entretanto com "És cruel", já há muito pedido pela assistência, terminaram a actuação, gerando o delírio quase absoluto - atiram-se as pessoas umas contra as outras "curtindo" a música a fundo. No encore o vocalista recita poemas enquanto, durante um solo de bateria, aproveita e anuncia que vai urinar. Numa singela e "tocante" homenagem à cidade cantam uma versão da balada de despedida.

No fim, confessaram-nos que as influências na sua eclética música eram igualmente variadas: a música do "Taky", os festivais da canção - e nomeadamente a Tonicha - a música clássica, e os Velvet Underground. Dizem-se todos accionistas da T.V.I., com destaque para António Ferro, Zacarela e Vampirela que são accionistas maioritários.

Boa nota para um espectáculo irreverente e divertido que aqueceu uma das noites frias da Festa das Latas.

Paulo Ferreira



a banda. Com a tradicional irreverência surgiram os cinco elementos da banda e as três meninas do coro,

fância, as suíças pintadas do vocalista, e o baixista de casaco de peles e peruca.

A actuação segue o seu curso, com o grupo muito animado, com a ajuda da muita cerveja que só a espaços

## Todos querem ver a Greta

São 22 horas e 22 minutos. O recinto ainda está adormecido, à espera da multidão que aqueça a noite fria. Ouve-se música gravada: Fausto, Sting, Rui Veloso e Vitorino, bem distantes da toada rítmica de Quim Barreiros ou da explosão de loucura contagiante da "Orxestra Pitagórica". Às 22h e 30m abrem-se as portas do pavilhão do Estádio Universitário e começa a entrar a turba faminta do Festival Piro-Pop - a fazer fé nos cálculos da organização, entre 3 a 4 mil acólitos.

Com quase duas horas de atraso (é obra!) começa o espectáculo. Entra a Orxestra Pitagórica que anuncia, perante a exiguidade patente de um palco demasiadamente pequeno para a sua característica desinibição, que o seu próximo espectáculo será numa cabine telefó-

nica... Apresentam a primeira música - "Eu quero cagar!" mas, sem espaço, avisam que vão "cagar no público". A boa voz do vocalista sobrepunha-se aos instrumentos "encavalitados" num claro desafio às leis da gravidade... Prosseguem a actuação com "Um saquinho pequenino às bolinhas amarelas" e uns quantos, num latex descolorido, voam por entre o público, com um conteúdo anormal -ar... Cantam, numa paródia à estudantina, "O capuchinho", seguido do "Zumba na Caloira" (?), o "Penalty" (mais uma paródia à estudantina) e terminam com uma música dedicada às propinas, que anuncia que "... o cú não estou p'ra dar". A actuação (que dado o referido espaço não foi tão exuberante quanto se esperaria) terminou às 0h e 30m.

Perante a apoteose geral, anuncia-se a entrada do "Grande Guru" - Quim Barreiros. Numa entrevista hilariante recolhida antes do início do espectáculo, anunciou mais uma noite de cóboiada, porque, no fundo, como toda a gente gosta de bacalhau, e como o Quim foi a única pessoa que apareceu a cantar "Quero cheirar teu bacalhau", toda a gente tem de gostar dele. Quim Barreiros é um homem do povo e, no fim de contas, canta a tradicional brejeirice popular, por vezes inocente, por vezes mais malandrotá. É com terna saudade que recorda a sua participação no álbum "Com as minhas tamanquinhas" (1976), do José Afonso, que o solicitou para dar um toque mais popular ao disco. Lembra-se do Zeca como "um homem brutalmente educado e sim-

pático" e é com muito gosto que vê o seu nome ao lado de outras "feras" da música portuguesa. Como grupo para aquecer o pessoal antes da sua entrada em cena, prefere a Pitagórica. O "Grande Guru" não se furtou a revelar a sua posição sobre as propinas. Para ele, tudo se resume à questão do verbo - "eu propino, tu propinas, ele propina, nós propinamos". Portanto, o problema é propinar. Afirma no entanto que é uma questão que o transcende.

Actuou no seu habitual, sem nada de novo, se exceptuarmos o tradicional calor humano que emanou e que se transmitiu ao "povo académico" presente. Cantou os seus hits "Chupa Teresa", "Curso de dactilografia", "Tá a nascer um negócio na tua cabeça", e "A Greta" (numa comovente homenagem à

Greta Garbo). A banda tocou também uma rapsódia de música popular e umas rockadas dos anos 50 e 60. O público, animado pela cerveja a 150 paus, dançou até à exaustão - no fundo, uma homenagem à vivacidade e alegria da música popular (em especial da região do Minho, de onde o Quim Barreiros é natural) que, segundo ele, é cada vez mais ouvida pela malta.

Foi, a todos os títulos, uma actuação sobremaneira escaldante, provocando jarros de suor na assistência e muito especialmente nos fãs incondicionais desta figura *sui generis* do panorama musical português. Até à Queima, Quim!

José Eduardo Dixo  
Paulo Ferreira



## TEUC ESTREIA PEÇA

# "Nada de olhares românticos"

Atenção!

Está quase, quase a chegar o mais recente trabalho do nosso TEUC. Na senda de um longo, apaixonado e profícuo trabalho em prol do teatro português, o TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra) apresenta-nos o espectáculo "Nada de Olhares Românticos" com base em textos de Miguel Torga, como exercício final do curso de formação teatral 91/92.

Com encenação de Jorge Fraga,

ções das "gentes", das "paisagens" e dos desejos do Portugal intemporal, é uma forma muito própria de pensar a sensação clandestina e cruel dessas mesmas relações.

A partir de extractos das obras "Na Rua", "Pedras Lavradas", "Novos Contos da Montanha", o espectáculo gira, fundamentalmente, à volta do universo literário de Miguel Torga, profundo "conhecedor" da alma, do lado cosmológico do homem português. Também há alguns

tos de Gil Vicente (lado irónico desse desejo), de Camões e do filósofo e ensaísta Eduardo Lourenço. Efectivamente, a escolha dos textos não poderia ser mais interessante, uma vez que vai de encontro a todo este desejo de pensar o Portugal actual, o Portugal de sempre.

## O espaço

Em relação ao espaço cénico, este caracteriza-se por uma sim-

boio. Do lado direito localizar-se-á um cais com um farolim. No meio, teremos um espaço ambíguo, em que nos serão reservadas muitas surpresas. A concepção do espaço obedecerá ao princípio de que os elementos fundamentais da paisagem sejam os actores. Parecendo à primeira vista um espaço vazio, não o será tanto assim, uma vez que também é um espaço cheio de poços, de abismos, de sótãos e de caves.

diversificadas. Teremos em cena: várias famílias, um barbeiro, um guarda, um pastor, um coleccionador, mães, saltimbancos, prostitutas, actrizes, donas de casa, etc..

O guarda-roupa é constituído por roupas de grande intensidade cromática destinadas aos habitantes da paisagem e por roupas escuras e cinzentas destinadas às personagens do Torga.

## A história

O espectáculo será uma história de alguns habitantes localizados num determinado espaço e que ao longo de uma noite esperam qualquer coisa, ouvindo ao longo dessa mesma noite vozes e murmúrios que assumem um significado muito especial.

A força do espectáculo residirá na voz, no movimento e nas interações dos discursos, em que se fará um apelo constante ao imaginário do público.

A realização deste espectáculo, encerra também outras vertentes, que passam pela produção de um pequeno filme relacionado com a peça, a ser mostrado no Festival Internacional de Vídeo de Montreal (Canadá) em 1993.

Resta-nos apelar às gentes que se desloquem em massa ao Gil Vicente nos dias 18 (estreia) e 19 de Dezembro e também, para começar bem o ano, nos dias 7, 8 e 9 de Janeiro, dias em que a peça estará em exibição. "Pelo aspecto, este prato será de comer e chorar por mais..."



"Nada de Olhares Românticos" é uma criação teatral, que no seu entender "aparece na vontade de pensar Portugal hoje". O espectáculo é acima de tudo uma leitura das rela-

excertos de poemas de Eugénio de Andrade que vêm reforçar, citando o encenador, o aspecto do desejo e de uma certa mágoa clandestina dos desejos. Há ainda alguns excer-

plicidade intencional. O cenário será dividido em três partes, em que do lado esquerdo irá localizar-se um lugar espacialmente objectivo, simbolizando uma gare de com-

## Personagens e guarda-roupa

Paulo Bandarra e Lavoura

As personagens são muitas e

Venha ver a diferença!..





# CARTAS AO DIRECTOR

"Na Assembleia Magna realizada no dia 16 de Novembro, tive a oportunidade de ler um texto no qual manifestava a minha discordância em relação à Lei 20/92 (vulgarmente conhecida por "lei das propinas") e ao Contrato Social. Esse documento era assinado por mim e por mais 42 militantes ou simpatizantes da Juventude Social Democrata. A grande maioria das pessoas que subscreveram o texto ocupam, ou ocuparam, lugares dentro da Estrutura Académica da J.S.D., pertenceram a Direcções Gerais, participaram em listas nas Faculdades, ou simplesmente ajudaram em campanhas. Em resumo, são estudantes que, independentemente, de alguns deles terem ou não participado em "listas oficiais", têm grandes afinidades com a J.S.D. e ao mesmo tempo são elementos associativos. Mas, devo realçar que aquilo que digo a seguir é da minha inteira responsabilidade pessoal.

Depois do documento ter sido tornado público, logo vieram dizer que esse facto era sinal de guerra dentro da J.S.D.. Ora, não foi o desejo de guerras que me levou a escrever esse documento e a recolher, discretamente, algumas assinaturas. Por outro lado, não é segredo que a Estrutura Académica de Coimbra da J.S.D. atravessa uma grave crise e que, pessoalmente, não concordo com algumas das ideias que têm sido defendidas. Foi por esta razão que escrevi o texto contra a Lei 20/92 e o Contrato Social.

Confesso que preferia que tal assunto fosse discutido internamente, dispensando-se desse modo o recurso a tomadas de posição públicas que podem prejudicar o futuro próximo da J.S.D. na Academia (sinceramente, tal perspectiva entristece-me). No entanto, uma vez que o debate interno é

nulo e que a consulta às bases da Estrutura Académica (leia-se "núcleos das Faculdades") não existe, tem-se assistido, desde a algum tempo, a um exercício de poder "de cima para baixo", no qual alguns indivíduos tomam decisões à revelia da opinião de muitos outros cuja voz devia ser escutada antes da definição de qualquer estratégia. Só assim se compreende que esse "alguns" venham defender um referendo ao Contrato Social na Academia de Coimbra quando 95% desta Academia já se pronunciou contra o aumento das propinas (logo contra o Contrato social, já que este aceita implicitamente o aumento das propinas). Uma vez que "o topo da Estrutura" deve emanar linhas de orientação que sejam identificáveis, pelo menos, por todos os estudantes sociais democratas da Academia de Coimbra (sejam ou não militantes), a minha dúvida é esta: ou existem apenas 5% de estudantes sociais democratas na Universidade de Coimbra, o que implica haverem muitas pessoas, simpatizantes ou militantes da J.S.D./P.S.D., que não concordam com o aumento das propinas e, neste caso, a "estratégia oficial" é desenquadrada da realidade e dos interesses da nossa Academia.

Estou convencido de que a primeira hipótese não é verdadeira.

Sempre procurei defender os interesses da Académica, fosse nas Direcções Gerais em que participei, nos órgãos de gestão da F.C.T.U.C., ou mesmo quando fui Comissionista Central. Nunca tive medo de tomar posições, por mais polémicas ou controversas

que fossem, desde que acreditasse que estava a agir em benefício da Academia de Coimbra. Antes de tudo sou, com muito orgulho, estudante da Universidade de Coimbra, mas assumo-me social democrata e associativo. É esta Associação Académica que continuarei a tentar defender, mesmo que com isso irrite alguns teóricos da politiquice."

Fernando Paulo  
Membro da Assembleia de Representantes da F.C.T.U.C.  
Membro da Comissão Pedagógica de Engenharia Mecânica  
Membro do Conselho Pedagógico da F.C.T.U.C.  
Militante da Juventude Social Democrata

"O surgimento de qualquer grupo ou associação para a defesa e promoção de ideias deve ser *a priori* considerado positivo por todos quanto pensam e vivem em respeito pela democracia.

Soube recentemente da criação de um grupo de estudantes monárquicos, defensores da restauração da monarquia-constitucional penso e espero eu!

Defensor convicto do regime e valores democráticos onde qualquer cidadão pode ser candidato e no qual os representantes da nação são eleitos, considero como única legitimação de poder a decisão do povo através do sufrágio, no qual os todos têm o direito de se pronunciarem sobre os dirigentes do seu país. Em defesa desses valores, não posso aceitar e respeitar qualquer poder que seja fundamentado na linhagem "nobre" de uma Família e na transmissão hereditária desse mesmo Poder.

Um dos argumentos utilizados é a conceitualização que o herdeiro do trono internacionalmen-

te teria para assumir a representação da nação, preparado desde criança para esta posição. Mas permitam-me duvidar. Quem poderá assegurar infalivelmente a capacidade de tal figura para tal cargo, mesmo com uma educação bem planeada e conduzida; é que qualquer indivíduo que seja eleito Presidente da República terá certamente um passado de protagonismo político relevante, durante o qual terá demonstrado o seu valor como dirigente.

Citam, para apoiar a sua argumentação, o relativamente recente caso espanhol, que no meu entender não serve de referência. Houve uma passagem directa da ditadura franquista à monarquia constitucional, onde o rei assumiu um papel congregador e determinante naquela altura. A Espanha possui uma realidade cultural e política bem diferentes; os contrastes de etnias com idiomas próprios, a divisão administrativa em regiões autónomas conferem ao rei uma simbologia unificadora. Não é o caso de Portugal. Não faz sentido restaurar um regime monárquico, mesmo parlamentarista, no actual contexto socio-político português.

Vejam o que está a acontecer actualmente em Inglaterra. Sabemos como os britânicos são em relação às suas instituições e tradições seculares, como é nomeadamente o caso da monarquia. No entanto, a sucessão de "casos" na família real desacreditaram-na e a contestação aumenta levando mesmo alguns sectores a questionar a essência da monarquia constitucional.

Parece-me que ser monárquico está na moda entre alguns académicos de Coimbra: dos irreais defensores do absolutismo aos nostálgicos da glória dos Descobrimentos portugueses, dos "desiludidos" com a democracia aos iluminados da sociedade muitos optam pela defesa de um regime com rei.

Em última análise, os monárquicos fariam melhor se tentassem arranjar outro pretendente ao trono. Pois uma das cláusulas da convenção de Évora-Monte diz que nenhum descendente de D. Miguel poderá ascender ao trono de Portugal, como é o caso de D. Duarte."

Óscar Macieira

"Esta carta pretende dar a conhecer aos menos atentos, mais um episódio com a habilitação encenação do Conselho de Veteranos, mais propriamente na pessoa do Sr. Quim Reis.

A acção desenrolou-se ao fim da tarde do dia de terça-feira 24, depois do "Cortejo das Latas" e tendo como cenário a Associação e alguns figurantes interessados, nos quais me incluo. Pode-se dizer que em cena, e salvo uma única

excepção, esteve um elenco de luxo a começar pelo personagem principal e também "mau da fita", o já célebre chapéu da Tertúlia Académica Praxis Dixit. A defesa foi personificada pelo estudante e elemento da referida Tertúlia, António Bigotte, enquanto a acusação foi excepcionalmente mal desempenhada pelo encenador, pseudo-estudante e disforme ser já referido, e que dá pelo nome de Joaquim Reis.

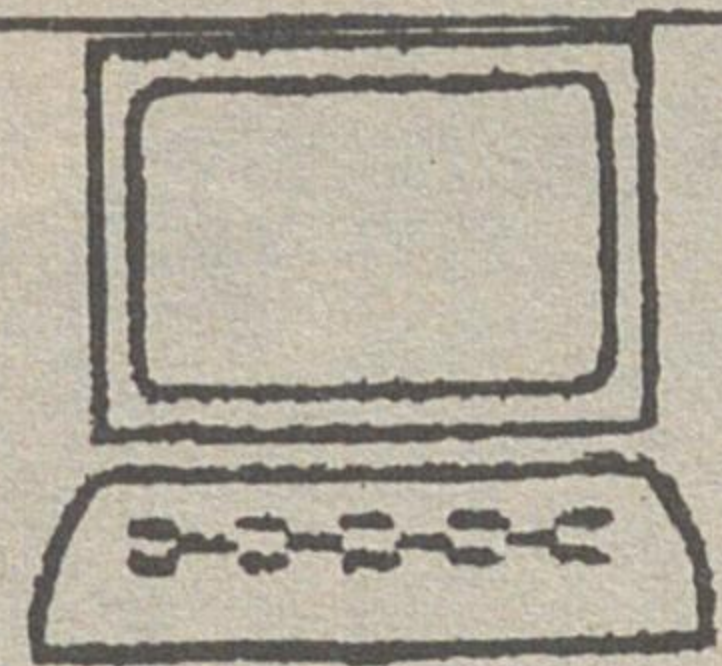
Resumidamente, a peça começou com uma leve discussão entre os personagens tipo Quim Reis (Conselho de Veteranos) e António Bigotte (Praxis Dixit), com os ânimos a exaltarem-se rapidamente quando este, e em defesa do chapéu, foi falando em insígnias próprias da Tertúlia referida, estatutos e personalidade jurídica e num nome grande da nossa Academia que é o António Nunes. O acto terminou no auge da discussão com o aprisionamento do chapéu que o António Bigotte trazia, por parte do veterano e todo-poderoso Q. R., não havendo até à data qualquer evolução no acontecimento.

Não querendo entrar em grandes pormenores de ordem teórica, até porque disso se encarregará certamente a Praxis Dixit, queria realçar pelo menos três facetas de tão rico argumento. Em primeiro lugar, e continuando a correr o risco duma parcialidade já anunciada, gostava de aplaudir o personagem principal, o chapéu, pelo seu aspecto sóbrio e harmonioso, e pela persistência com que se vai mantendo nas cabeças dos mais inconformados com a ortodoxia e a acomodação dos nossos (leia-se Conselho de Veteranos, entre outros) e a arrogância e falta de escrúpulo dos outros (leia-se Institutos Politécnicos, Escolas Superiores, etc.).

Em segundo lugar, e em prejuízo da sua actuação, queria sublinhar o desespero do Sr. Q. R. que valendo-se da sua deselegante massa banhosa, foi fazendo constantes ameaças à pessoa do Sr. António Bigotte que fundamentando a sua posição, que obviamente será a da Praxis Dixit.

Finalmente queria referir, em jeito de crítica final à peça, que não só naquele dia a praxe estava suspensa, como também, e tanto quanto sei, a Tertúlia Académica Praxis Dixit é uma Associação legal lavrada em cartório notarial, que tem insígnias próprias e que estas são propriedade privada. Sou levado a concluir que teremos de aguardar por novo episódio, de preferência com um final feliz e sem o Sr. Quim Reis, porque duma coisa não tenho dúvidas: — FORA DE CENA QUEM NÃO É DE CENA."

Miguel Marques  
Aluno da F. D.



# Tempus

386DX 40 MHZ, 4 MB RAM, 64K  
CACHE, PLACA GRÁFICA, SVGA 1  
MB, MONITOR POLI SVGA, DISCO  
"Seagate" 130 MB.

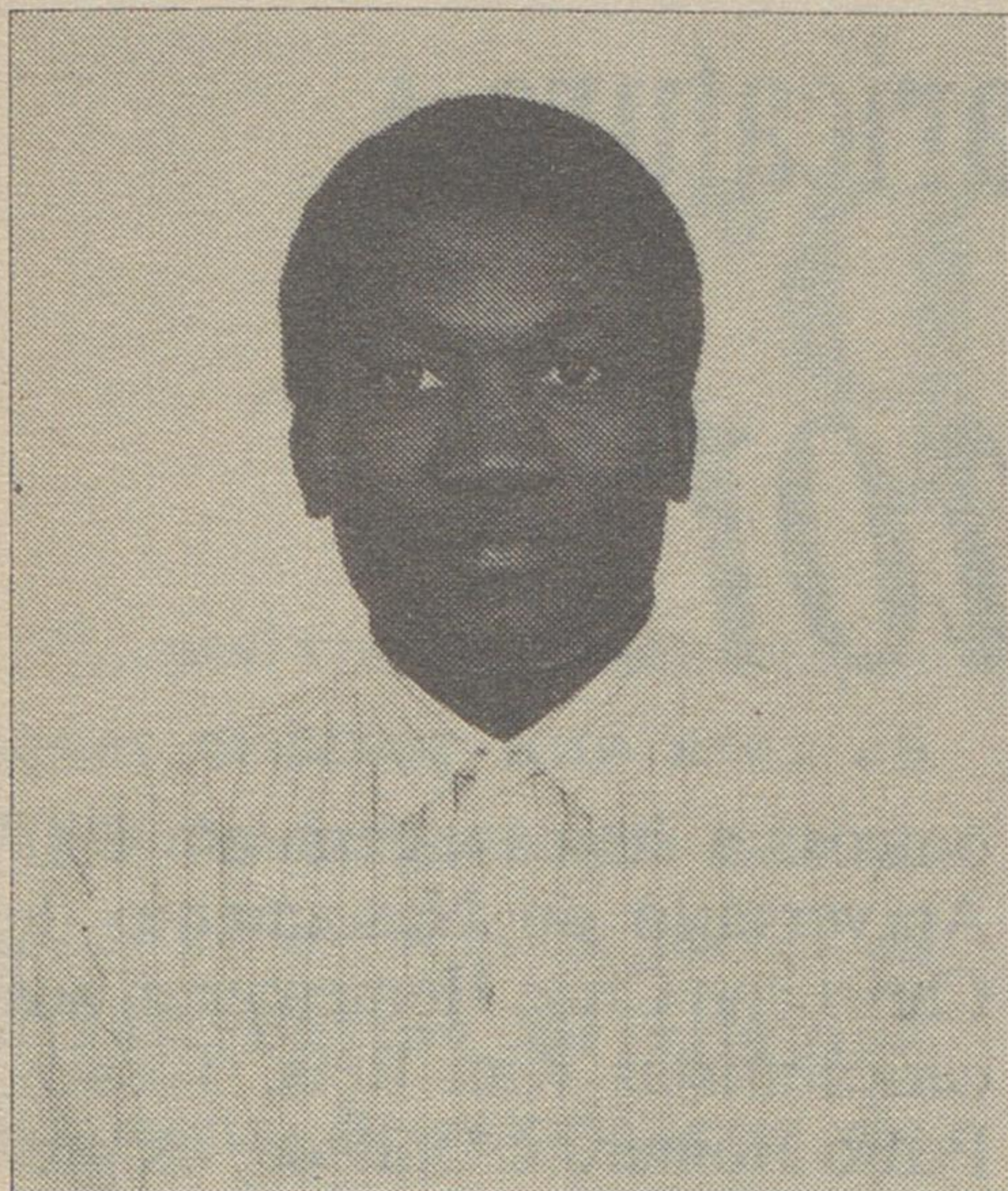
242 000\$00

IVA INCLUÍDO!!!! 2 ANOS DE GARANTIA  
CAMPANHA DE NATAL

EQUINÓCIO - Informática

Galerias Avenida, Loja 221, 2º Piso Tel: 37755





# PALOP's em foco

Em artigo publicado neste jornal no passado dia 18 de Novembro, dizia eu que a cerimónia da assinatura de Acta que consagrava a existência jurídica da AEA - PALOP's/Coimbra, do dia 4 de Setembro de 1991 não foi isenta de polémica.

**Para consumo dos menos atentos, a complexidade das nossas comunidades exigia rigorosamente, até como mecanismo de prevenção de eventuais conflitos, a perfilhação do método de eleição a partir das Assembleias de Base.**

Para muitos de nós que idealizámos a sua criação e que assistimos estupefactos a cerimónia supra, estávamos ainda no início de um processo algo conturbado e algo anfrutuoso.

Feitos carroças de comboio e comandados a belprazer de um "chefe" fomos contribuindo para a boa imagem de alguém que surge aos olhos do mundo às vezes inocente, como um verdadeiro "Messias" - um símbolo - sem contudo revelar o seu parasitismo. Sim, porque para além da fachada há sempre outros mundos e outras gentes. Por detrás das cortinas do palco, há sempre outros actores que representam subtil e imperceptivelmente.

Naquela tarde, tudo estava a

alguma vez, que eu saiba, nas reuniões da Comissão Instaladora (CI) e a terminar pelo ridículo do texto lido em jeito de discurso com a chancela da CI sem nunca ter sido elaborado por ela.

A entrega total de alguns de nós no projecto, aliado a uma dedicação sem limites estava a sofrer um sério revés.

A correcção de comportamentos altamente lesivos do interesse

colectivo impunha-se. A associação não podia continuar a ser uma associação dos amigos de "Alex" servindo-se para tal dos estudantes africanos.

Naquele dia, nem os discursos de circunstância, palminhas de motivação que se repetiam subsequentemente, nem os sorrisos e os brindes pela longa vida da associação, despertaram a plateia mais dormente que atenta. No final, todos se foram contentes. Alguns seguramente realizados. Tinha-se ganho o dia à boa maneira dos escuteiros.

tos, a complexidade das nossas comunidades exigia rigorosamente, até como mecanismo de prevenção de eventuais conflitos, a perfilhação do método de eleição a partir das Assembleias de Base. Nunca tivemos dúvidas sobre esta matéria e foi o que nós propusemos na CI. A adopção de qualquer outro mecanismo só serviria, a meu ver, para destabilizar e minar o projecto.

Não é de somenos referir os perigos do livre arbítrio. Não me parece justo (e creio que a ninguém) reunir a título pessoal com instituições ou associações de empresários e falar em nome de uma associação sem ter sido mandatado para tal. Se isto é associação, cada um fazer o que quer para depois evocar o nome de uma organização, então eu sou associação, cada um de nós é associação.

Há que criar condições para que isso não volte a repetir-se. A asso-

**A melhoria da condição do estudante africano em Coimbra só se verificará no dia em que o inconformismo nas nossas reivindicações for mais permanente e mais alta a nossa voz.**

ciação deve ter uma voz sem dúvida nenhuma mas a voz dos estudantes africanos de Coimbra e possa cum-

prir com os objectivos que preconiza.

Criou-se a associação a pensar em colegas sem bolsa, que muitas

**Somos um número considerável. Temos qualidades de sobra para assumir-mos um papel de destaque no seio da academia condizente com os valores que representamos. E a AEA - PALOP's/Coimbra terá que ter papel preponderante.**

vezes têm que mendigar sabe Deus como, para sobreviver diariamente e não vamos permitir que alguém brinque com o sacrifício dos outros. Criou-se a associação porque entendemos que a união faz força. Criou-se a associação para se fazer face aos problemas que o quotidiano nos impõe. Quando um dia ela não souber corresponder aos anseios e aspirações que estiveram na base da sua gestação, então não se pode manter viva.

Hipotecar vergonhosamente o relacionamento institucional que devia ser na base do respeito mútuo com as entidades civis e académicas a troco de umas não sei quantas palminhas desprezíveis nas costas

não me parece o melhor método. Mal ou bem somos uma associação apesar do muito que ainda falta

fazer. Há que manter um certo distanciamento e criar espaço de sobra para podermos reivindicar.

No âmbito estritamente académico a política da associação dos PALOP's deve orientar-se por um maior pragmatismo na busca de soluções e apoios. Para isso, tem que andar de mãos

dadas com a AAC. Diria até que as duas devem ser irmãs siamesas.

Somos um número considerável. Temos qualidades de sobra para assumir-mos um papel de destaque no seio da academia condizente com os valores que representamos. E a AEA - PALOP's/Coimbra terá que ter papel preponderante.

Extravassando este âmbito, em minha opinião, uma associação não deve pactuar com o Poder ou Poderes. Ou seja, não deve ser uma associação do poder mas antes ter o poder de uma associação, na defesa dos interesses dos seus associados. Só assim terá personalidade suficiente para ser respeitada e reconhecida. Só assim tem sentido. A melhoria da condição do estudante africano em Coimbra só se verificará no dia em que o inconformismo nas nossas reivindicações for mais permanente e mais alta a nossa voz.

Julião Soares Sousa

**Hipotecar vergonhosamente o relacionamento institucional que devia ser na base do respeito mútuo com as entidades civis e académicas a troco de umas não sei quantas palminhas desprezíveis nas costas não me parece o melhor método.**

postos quando a polémica estalou. Os protestos contra a forma como o processo estava a ser conduzido choeram por banda das associações aí representadas. Algo estava mal. A começar pela "mise en scène" de pessoas que nada sabiam da associação que agora estavam a constituir, nem tinham participado

No dia seguinte, sarcasticamente, começou a movimentação para a constituição de lista. O objectivo foi sempre claro para os mais perspicazes: candidatar-se às eleições, bem contra o espírito e os ideais que presidiram a criação da associação.

Para consumo dos menos aten-

## Papíro Dourado

Américo Ribeiro Mendes

PAPELARIA - FOTOCÓPIAS

Loja n.º 26  
Centro Comercial Golden  
Av. Sá da Bandeira, 115  
3000 Coimbra

LABORATÓRIOS FOTOGRÁFICOS

Loja n.º 5  
Centro Comercial Golden  
Av. Sá da Bandeira, 115  
3000 Coimbra

Loja n.º 61  
Centro Comercial Tropical  
Alameda Calouste Gulbenkian, 104  
3000 Coimbra

**Desejamos aos nossos clientes  
BOM NATAL e ANO NOVO PRÓSPERO**



A CABRO

FICHA  
TÉCNICA

Directora: Carla Silveira  
Directora-Adjunta: Teresa Gomes

Chefe de Redacção: André de Brito Correia

Redacção: Eduardo Jorge, Tiago Maranhão

Colaboradores: Carlos Ferreira, Carlos Picassinos, Eduardo Esteves, João Garção, José Eduardo Dixo, Luís Ribeiro, Magda Cerqueira, Paulos Ferreira, Paulo Lavoura, Pedro Lopes Dias, Pedro Meneses, Rui Cunha

Repórteres Fotográficos: Afonso Pinto, Carla Silveira, Maria José Catarino, Pedro Góis, Teresa Gomes, Tiago Maranhão

Revisão: André de Brito Correia, Carla Maria Silveira, Tiago Maranhão

Concepção Gráfica: José de Albuquerque

Montagem: Teresa Gomes, Carla Maria Silveira

Impressão: LOUSANENSE

Tiragem: 4800 exemplares  
Departamento de Publicidade: Eduardo Jorge

tel: (039) 38475

fax: (039) 23505

Redacção e Administração: Rua Padre António Vieira

3000 Coimbra

Produção: Secção de Jornalismo

Propriedade: Associação Académica de Coimbra

Apoio: Reitoria da Universidade de Coimbra

Agradecimentos: Ana Maria Leitão Bandeira, dr. João Arriscado Nunes

O ENCONTRÃO - Caricaturistas, Coimbra e a Caricatura  
Coisas sérias com *humoris*

Narizes proeminentes, longas testas, bochechas roliças, sobrance-lhas fartas ou queixos arrogantes, expressões marcadas no rosto e aproveitadas até ao último traço, são características da Caricatura. Artistas do desenho humorístico, mes-

tres na captação de expressões, são características dos Caricaturistas.

É a ambos que vamos encontrar reunidos em Coimbra durante as exposições sob a designação "O ENCONTRÃO- Caricaturistas, Coimbra e a Caricatura" entre os

dias 12 e 20 de Dezembro, no Edifício Chiado.

Uma ideia que surgiu na mente de alguns destes mestres do traço e logo mereceu o apoio de todos, incluindo autoridades oficiais, e que se vai concretizar no âmbito das comemorações dos 105 anos da nossa Associação Académica.

Pretende-se que o Estudante, a Cidade e o País fiquem com uma ideia o mais aproximada quanto possível do que foi a evolução da Caricatura, tanto na Academia como em todo o país e, pôr em confronto a caricatura Estudantil com a caricatura profissional.

Qual é o estudante que se atreve a concluir a formatura e deixar Coimbra sem levar o seu retrato sério e simultaneamente humorístico, com as "bocas" focando os aspectos mais marcantes da sua vida?

A Caricatura foi, é e continuará a ser, um modo de brincar a sério com coisas sérias e, a máxima "a brincar é que se criticam os costumes" não podia ter aqui melhor aplicação.

Em Coimbra, a expansão da Caricatura deve muito às célebres "tascas" que tão bem conhecemos. Entre dois copos e dois dedos de conversa lá se pegava no lápis e no papel para, depois de escolher a "víctima", se lhe retirarem os traços mais significativos com o respectivo humor incluído. Ambientes bem dispostos, repletos da boémia Coimbra, perfeitos para que cada um se revelasse como um livro aberto e assim serem retratados.

Grandes vultos nacionais e Académicos irão estar representados e/ou homenageados pela sua obra que, afinal, representa um bocado de todos nós. Destacam-se entre

outros, a homenagem ao 100º Aniversário do Nascimento de Christiano Cruz; Homenagem aos caricaturistas Kim Reis, Tóssan, Pedro Homero e Onileda; os premiados do Salão Nacional de Caricatura; Capas de discos de Coimbra, feitas por Stuart de Carvalhais; os 150 anos da Caricatura em Portugal, retrospectiva histórica da Caricatura em Coimbra e, por fim, mostra de cartazes e selos feitos em Coimbra por caricaturistas.

O desenho humorístico ganhou tanta importância e projecção que hoje em dia não há órgão da imprensa escrita que se atreva a funcionar sem ter um destes mestres ao seu serviço. Quem não conhece António (Expresso), Maia (Semanário) ou Augusto Cid e Carlos Lorangeira (Record)? A quem nunca aconteceu compreender perfeitamente uma situação através dum desenho humorístico que retrate a mesma?

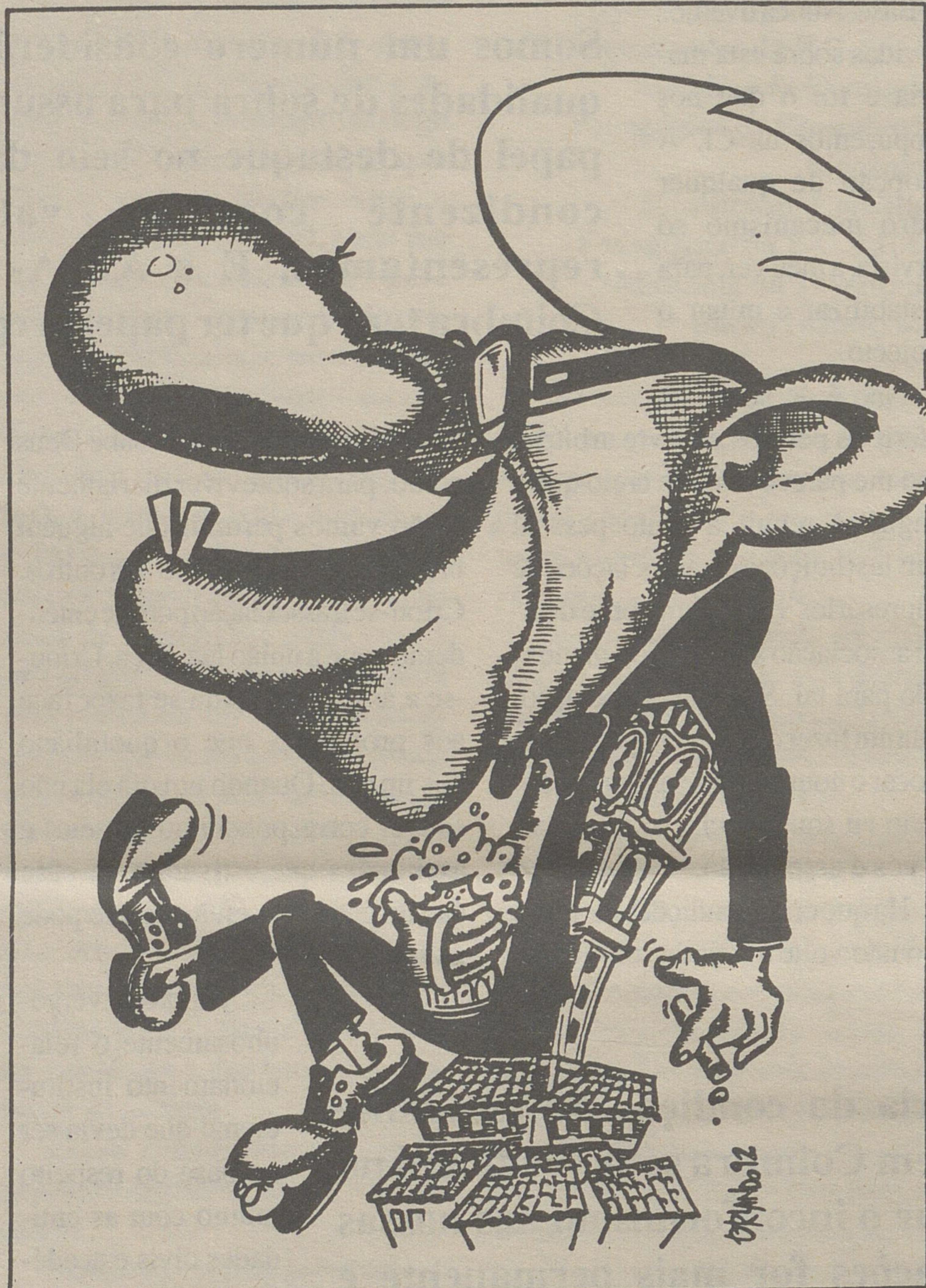
Pois é, até a célebre irreverência estudantil usa a caricatura para se afirmar e é ela própria tantas vezes motivo para um traço bem disposto.

Um ponto alto do programa será o Doutoramento "Humoris Causa" do "Taxeira", talvez a mais popular figura da Academia de Coimbra e, o modelo mais usado por todos os Caricaturistas que pela Lusa Atenas passaram e que por isso bem o merece.

Esta iniciativa merece que todos nós a vamos visitar porque nela está contida a história da Academia e um pouco da convivência Coimbra de cada um de nós.

As últimas: vai haver uma Sessão de Caricaturas ao vivo para os presentes, por isso...

João Paulo Machado



## 1º Encontro da Baixa de Coimbra

O Grupo de Arqueologia e Arte do Centro -GAAC-, em conjunto com as Juntas de Freguesia de Santa Cruz e de S. Bartolomeu, organizaram nos dias 24 e 25 de Outubro o "1º Encontro sobre a Baixa de Coimbra". Demonstra-se assim que as associações de cidadãos empenhados no conhecimento e defesa do património da sua cidade têm uma palavra a dizer. Pretendia-se "sensibilizar para o valor histórico, artístico e paisagístico da Baixa de Coimbra", dar a conhecer o seu património e promover a sua defesa e valorização.

Acima de tudo, pensou-se a Baixa -a que temos e a que gostaríamos de ter. Após as quinze conferências, sobre aspectos que variaram desde a toponímia das ruas da Baixa até à qualidade de vida e ordenamento urbano, concluiu-se pela necessidade de ter em

atenção a Baixa de Coimbra quer como complemento à Alta, quer, noutra perspectiva, como Burgo Medieval.

Os problemas detectados foram o abandono das ruas da Baixa, devido ao aumento de casas comerciais, em detrimento das habitações, o conseqüente predomínio do comércio, a degradação de edifícios, placas de anúncios que ocultam o património cultural, cores e padrões impróprios nos edifícios, entre outros.

Ao mesmo tempo, apontaram-se como soluções a acção de parte da Câmara Municipal para impedir edifícios muito elevados, especialmente nas margens do rio; a atenção, também por parte da Câmara, para que o clima é propício a janelas amplas, e não ao longo vidro negro espelhado, onde o sol refusta. Não foi esquecida ainda a necessidade de criar zonas verdes, a preservação

das tascas típicas e do que caracteriza a história da cidade com a criação de um Museu Agrícola, de um Museu da Imprensa (para o qual se poderia aproveitar uma antiga tipografia, das muitas que existem), e um Museu Industrial, de modo a que este património, para o qual não existe grande sensibilidade, não seja deixado ao abandono.

E, se ainda não há resultados práticos evidentes saídos desse encontro, é de esperar que venham a ter lugar. Isto a julgar pela experiência do GAAC ao organizar o "Encontro sobre a Alta de Coimbra", que concentrou as atenções sobre essa zona da cidade e, segundo nos afirmou o dr. Mário Nunes, presidente do GAAC, contribuiu para a consciencialização e criação de vontade política para "a Alta ser considerada património Mundial e ser reduzida a sua degradação



de 80 para 40%".

Com certa mágoa na voz, informou-nos por fim o dr. Nunes que nem o Governo Civil, nem o Representante da Comissão de Coordenação da Região Centro nem o Delegado da Secretaria de Estado da Cultura vieram ao Encontro, tendo-se assim o Governo alheado da iniciativa.

Magda Cerqueira



# Arquivo da Universidade

"... assi vos encomendo que faças ordenar hua arca cõ tres fechaduras e que este as bullas & alvares & todas as outras bullas privilegios doaçõens & escrituras da universidade..."

Assim se dirigia D. João III, em 27 de Dezembro de 1540, ao reitor da Universidade D. Agostinho Ribeiro, transmitindo-lhe a necessidade de haver na Universidade um local próprio para conservar a sua documentação mais preciosa.

Longe vão os tempos dessa arca-cartório. O Arquivo da Universidade, que desde 1947 se localiza em edifício próprio para a preservação de tal documentação, sendo a primeira construção em Portugal a ser levantada de raiz para esse fim, é hoje uma instituição cuja actividade se alargou, pondo de lado essa primitiva concepção de local de mera conservação de documentos.

O seu espólio é composto por fundos documentais, de proveniência diversa, aqui incorporados em virtude das funções de Arquivo Distrital de Coimbra que também lhe competem.

Assim, nos seis pisos do edifício pelos quais se reparam os depósitos, estão dispostos documentos de suma importância, não só para a história da Universidade mas

também para a história local e institucional. Os principais fundos documentais dizem respeito à Universidade de Coimbra (com documentação sobre a sua instalação em Lisboa e, sobretudo desde a sua transferência definitiva para Coimbra em 1537) à Câmara Eclesiástica, ao Cabido e Mitra da Sé de Coimbra, a Cartórios Notariais e Arquivos Paroquiais do distrito de Coimbra, ao Governo Civil, ao Tribunal do Trabalho e Tribunal da Comarca, à Polícia Judiciária, a

de Pergaminhos provenientes de algumas destas instituições e Coleções Particulares, com destaque para a de Belisário Pimenta, João Jardim de Vilhena, Condes de Arcos, Condes da Cunha e Fausto de Quadros; um total de documentação, abrangendo um âmbito cronológico que se estende do séc. X ao séc. XX.

Cumprindo a sua missão de preservar e divulgar este espólio, o Arquivo da Universidade procura promover, a par do tratamento arquivís-

ricas, de instrumentos de descrição documental e catálogos das exposições temáticas procuram não só o contacto com utilizadores e público especializado mas também a aproximação com a população estudantil, cativando-a para as áreas da documentação histórica, arredadas do quotidiano da sua vida académica.

Neste sentido cabe aqui citar alguns exemplos de conjunto de exposições organizadas nos últimos anos de actividade, as quais foram sempre acompanhadas dos respectivos catálogos explicativos.

Sob o título

"A Universidade de Coimbra e a Europa (1537-1937)", realizou-se em Maio de 1987, enquadrada no 2º Congresso Nacional de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas, uma mostra documental que procurou ilustrar os contactos havidos entre a Universidade de Coimbra e diversos centros universitários e culturais europeus. Nesse mesmo ano, em Outubro, por ocasião do 1º Encontro sobre a Alta de Coimbra, teve lugar a exposição "Os Colégios da Alta Coimbrã - Episódios da Vida Académica", divulgando documentos históricos do Colégio das Artes, de S. Bento, de S. Jerónimo, de Jesus, de S. Paulo, de S. Pedro, da Sapiência e da

de, até serem extintos em 1834.

Celebrando a passagem dos 700 anos sobre a súplica que em Montemor o Novo, a 12 de Novembro de 1288, foi redigida por alguns prelados de ordens religiosas e igrejas seculares, endereçada ao Papa Nicolau IV, solicitando a criação de um Estudo Geral, organizou-se a exposição "Sete Séculos de História: 1288-1988". Divulgaram-se documentos relativos à orgânica da Universidade, às suas relações com a Igreja, com a cidade de Coimbra, com o mundo lusófono e com a actividade artística, científica e política do país.

Em 1 de Março de 1990, data em que se celebrava o 7º Centenário da Fundação da Universidade, através do diploma de D. Dinis, de 1 de Março de 1290 ("documento precioso" conservado neste arquivo) foi a vez de surgir a exposição "Tradição e Futuro: 1290-1990". Nesse mesmo ano a sala de exposições do Arquivo patentearia uma mostra com outro tipo de materiais, provenientes da colecção de João Carmo Santos, sendo inaugurada em 4 de Junho com o título "A Universidade de Coimbra na Medalhística: Tradições, Efemérides e Personalidades".

Englobado no conjunto de actividades levadas a cabo pelo Arquivo no âmbito do 7º Centenário da Universidade, foi ainda organizada uma exposição conjunta com o Arquivo da Universidade de Salamanca, que para tal cedeu alguma documentação, concretizada em Março de 1992 e intitulada "As Universidades de Salamanca e de Coimbra: Eixo Cultural Ibérico".

Neste mesmo ano, e a pedido da Comissão Organizadora da Queima das Fitas, teve lugar de 30 de Abril a 12 de Maio a última exposição realizada, ilustrativa de vários aspectos das tradições e da vida académica coimbrã, genericamente intitulada "A Universidade e a sua história: percurso documental".

Esperemos que o futuro proporcione a realização de eventos semelhantes e consiga fazer chegar ao conhecimento de tantos estudantes o vasto e rico património guardado no Arquivo da sua Universidade, levando-os a interessarem-se pelo seu passado histórico.

Ana Maria Leitão Bandeira



Colegiadas, Congregações Religiosas e seus Colégios Universitários. Possui ainda uma extensa colecção

tico, a produção editorial e a organização de exposições documentais. A publicação de fontes histó-

Trindade, os quais acolheram professores e alunos, animando a vida escolar e urbana desta zona da cida-



# Aquecimento geral

## Basquetebol

Modalidade em que a Académica tem grandes tradições, o basquetebol este ano não tem vindo a corresponder às expectativas criadas no início da temporada e a primeira volta já está concluída, com a turma da Briosia situada na cauda da tabela. Há contudo a esperança de uma segunda volta melhor, por forma a que os propósitos para esta temporada se concretizem.

O Dr. Cassiano Afonso, vice-presidente para a área desportiva em declarações ao nosso jornal, fez-nos o "ponto da situação", afirmando:

"No início da temporada, pensávamos no oitavo lugar. A não naturalização -por problemas burocráticos- do Rogério Fernandes é uma situação que tem enfraquecido a equipa. Claro que não estamos satisfeitos com a actual classificação, vamos procurar dar a volta por cima e preparar com calma a próxima época." Este ano haverá um alargamento e o sistema de disputa de jogos do play-out será diferente.

No que concerne à equipa técnica, o treinador principal é o Prof. Adriano Baganha "que a Académica cede pontualmente à Selecção Nacional, dentro de um espírito que nos deve nortear, ajudando o progresso da modalidade." O que já aconteceu na fase do Campeonato Europeu e mais recentemente no Torneio RTP. "O trabalho do clube não é prejudicado e é prestigiante para a Académica ter o seu técnico na Selecção", acrescentou-nos.

Amoroso Lopes, técnico que no ano passado chegou mesmo a orientar o plantel principal, é o "adjunto" e o Prof. Robalo treina a formação de juniores. "São ambos bons treinadores, que têm realizado um trabalho de futuro. A Académica não pode entrar em loucuras, pelo que é importante investir na formação dos miúdos. E temos muitos que vão dar que

falar".

No que concerne ao plantel, de registar as saídas ainda no decorrer desta primeira volta, de Mergen Sina e de Charuto. Ambos, segundo nos referiu o nosso entrevistado, foram bons profissionais, mas não corresponderam -ao nível da pres-

horas para ocuparmos o Pavilhão da OAF! E estou a falar sobre as camadas jovens, são miúdos que querem fazer desporto. E não há atenção. Até a Câmara, prometeu-nos uma série de apoios e até agora... nada! A Académica tem que ser apoiada e esse apoio tem

próxima época, tendo em vista outros objectivos.

Em relação à época 1992/93, destaque para a contratação de Constantin Vasile, técnico romeno que tem procurado incrementar novos métodos que têm agradado.

Os patrocínios da Secção asseguraram esta contratação. Constantin Vasile, devido à difícil situação política no seu país, quis deixar a Roménia. Através de um seu amigo, segundo nos afirmou Rui Jorge França, elemento da Secção de Rugby, "ligado à Académica, o técnico foi contactado e mostrou-se receptivo à ideia de vir trabalhar em Portugal, embora tenha recebido outro da Turquia."

Fisicamente o plantel tem vindo a ser submetido a uma maior carga de trabalho e taticamente têm vindo a ser criadas novas situações.

"Estamos a progredir", afirma o nosso interlocutor. Que nos acrescenta ainda que para o novo técnico da Académica, "o trabalho muscular do jogador médio português não é o mais indicado". A visão de jogo, aliada às movimentações tácticas de cariz

que seja impossível pedir "resultados imediatos". Acrescente-se ainda que alguns jogadores da equipa da época anterior deixaram a prática da modalidade por causa dos estudos e dos respectivos empregos -relembre-se que a equipa é amadora- o que por outro lado tem enfraquecido o potencial da Académica. Rui Jorge França, em declarações ao nosso jornal, afirmou-nos ainda que "uma vez que ficam oito equipas na I Divisão, pretendemos ficar entre os seis primeiros. Sabemos que o Cascais vai "passar". Mas acredito que no próximo ano possamos estar mais fortes e então lutaremos pelos lugares da frente."

## Futebol

A Secção de Futebol da AAC prossegue a sua participação na recentemente criada Divisão de Honra Distrital, almejando a obtenção de um bom lugar, a que corresponda uma época tranquila

A equipa técnica inicial -constituída pelos Profs. António Feliz e Artur Costa- já foi substituída, pelo que o actual responsável pela formação estudantil é o Eng. Paulo Falcão, o treinador da época passada, que assim regressa à equipa que tem vindo a ajudar a formar.

Segundo nos disse Rui Pedro, jogador da equipa da Académica e elemento ligado à Direcção, "não houve uma boa adaptação de parte a parte, enfim, os resultados também não ajudaram e foi isto

no fundo que aconteceu. Mas gostaria de afirmar que ambos são pessoas bem formadas e que gostam da Académica. Simplesmente não houve, como disse, uma boa adaptação."

Paulo Falcão, uma vez que se encontra a exercer a sua profissão na cidade do Porto, vem a Coimbra orientar os

treinos, nesta fase inicial.

O plantel é basicamente o mesmo, uma ou outra saída, havendo apenas a realçar um ligeiro enfra-



tação competitiva- ao que deles se esperava. Havendo ainda a componente financeira em questão. De qualquer forma, apurámos que está a ser equacionada a hipótese (remota) da contratação de um elemento que seja jovem e que ocupe a posição de poste. Para ser útil na próxima temporada. Rogério Fernandes, que tem actuado em bom plano, está a ser naturalizado. Mas só na próxima época o seu processo estará completado.

O Dr. Cassiano quis ainda deixar um alerta "para o pouco apoio que a Secção de Basquetebol tem vindo a merecer. por parte da DG. De ano para ano as coisas têm vindo a piorar. Nem os miúdos têm um espaço digno para jogar, não há horas. Algo está errado. Louvo a acção que têm tido no caso das propinas, mas na vertente desportiva, enfim, até para uma reunião são tempos e tempos que estamos à espera..."

A concluir:

"Quero saber quais são as

que começar pela DG!"

## Rugby

A equipa principal da Secção de Rugby da AAC encontra-se neste momento a disputar a Fase Final do Campeonato Nacional da I Divi



são. Afastada dos primeiros lugares -a fortíssima equipa do Cascais tem passeado a sua classe- resta à turma estudantil lutar por uma boa prestação e preparar paulatinamente a

ofensivo também tem merecido particular atenção.

Esta adaptação dos jogadores ao treinador e vice-versa, naturalmente que leva o seu tempo, daí



quecimento do sector defensivo. Para além das limitações inerentes ao facto da formação da equipa ser composta unicamente por estudantes, refira-se o Campeonato este ano se iniciou mais cedo do que na época anterior. A dificuldade em reunir todo o grupo de trabalho, acabou naturalmente por prejudicar a Académica nos primeiros jogos.

**Desportos Náuticos**

A Regata de Preparação de Fundo teve lugar em fins de Outubro na Figueira da Foz e o destaque maior recaí nos dois primeiros lugares obtidos pela equipa sénior feminina de "double-scull" e pelas juniores femininas. Competindo com um "quodri-sull", os seniores masculinos ficaram em segundo lugar, obtendo a mesma posição a equipa de "quodri-scull". Os juniores masculinos classificaram-se em terceiro lugar.

**Regata de Escolas de Remo**

A 28 de Novembro, realizou-se em Aveiro esta prova, em que diversos jovens puderam demonstrar as suas habilidades. Os melhores resultados foram obtidos pelas equipas de infantis, masculina e feminina, ambas com um segundo lugar em "skiff".

A próxima Regata terá como palco o Rio Mondego, em Coimbra, a 13 deste mês. O Campeonato Nacional de Ergómetro realizar-se-á em Lisboa, a 23 de Janeiro de 1993. Um dia depois na Figueira da Foz,

nova Regata acontecerá, na comemoração do aniversário do Ginásio Clube Figueirense.

**Atletas da AAC seleccionáveis**

Refira-se ainda que Luís Maricato, atleta da AAC, ficou classificado em primeiro lugar nos testes regionais da Associação de Remo da Beira Litoral, que tiveram lugar na Barragem de Águeda no dia 14 de Novembro. Miguel Bernardo classificou-se em terceiro lugar nos mesmos testes, ficando estes dois atletas da AAC, na mira do Seleccionador Nacional.

Relevo ainda para um importante Protocolo estabelecido entre a Escola Sec. D. Duarte e a Secção de Desportos Náuticos, que levou a que cento e vinte alunos da referida Escola tenham participado numa acção de formação de remo e canoagem, durante o mês de Outubro. Idêntica acção terá lugar em Maio de 1993.

De registar ainda um Projecto de Desporto Escolar, estabelecido entre a Escola Sec. da Quinta das Flores, nas modalidades de remo e canoagem, projecto que abrangerá várias Escolas da cidade de Coimbra e que conta com o apoio das respectivas Federações.

A recuperação da antiga Piscina de Santa Clara no Estádio Universitário -está em fase de projecto a construção de um tanque de remo e de diversas estruturas de apoio às actividades náuticas- irá permitir a existência de uma sala de musculação, pista de aquecimento, sala de técnica estaleiro.

# Desporto Universitário

A Federação Académica de Desporto Universitário volta esta ano a organizar os CNU's (Campeonatos Nacionais Universitários), embora haja a registar uma alteração

bol de 11 não ficaram apurados para a Fase Final. A equipa feminina de voleibol classificou-se em terceiro lugar e os masculinos em segundo lugar. Os dois títulos que vieram na

o Campeonato Nacional de Futebol de cinco, competição que decorreu em Évora, sob a organização da Secção Desportiva da Associação de Estudantes da Universidade de



em relação ao modelo competitivo. Nas épocas anteriores existiam três zonas e três fases. Este ano apenas duas zonas e duas fases.

A Zona Norte é composta pela UTAD, FAP, AEUA e AAUM. Na Zona Sul além das equipas da AAC, militam também a UBI, AEUE, AEUI e AAL.

A Fase de Apuramento será disputada a duas voltas e terminará a 22 de Abril de 1993. O início estava previsto para o dia 16 de Novembro passado, mas assim não aconteceu.

A Fase Nacional (final) terá lugar nas duas primeiras semanas de Maio.

A presença das equipas da AAC nas modalidades colectivas será assim:

- Andebol (Masc.)
- Basquetebol (Masc. e Fem.)
- Voleibol (Masc. e Fem.)
- Futebol de 11 (Masc.)

Nas modalidades individuais, acontecerá apenas uma fase, que decorrerá nos dias 20 e 21 de Março de 1993. A representação de Coimbra será composta pelas seguintes Secções:

- Badminton
- Xadrez
- Ténis de Mesa

A prova de corta-mato está marcada para 28 de Março, a prova de pista para 15 e 16 de Maio (datas a confirmar) e a Natação e o Ténis em campo ainda não têm as datas fixadas.

Assinale-se, em relação à última época, que o Andebol e o Fute-

bol de 11 não ficaram apurados para a Fase Final. A equipa feminina de voleibol classificou-se em terceiro lugar e os masculinos em segundo lugar. Os dois títulos que vieram na

o Campeonato Nacional de Futebol de cinco, competição que decorreu em Évora, sob a organização da Secção Desportiva da Associação de Estudantes da Universidade de

- Voleibol (Rui Freitas)
- Basquetebol (Prof. Robalo)
- Futebol de 11 (indicado pela Secção)
- Andebol (a designar)

**Futebol de cinco em oitavo lugar**

Terminou no dia 8 de Dezembro

Évora e que se iniciou no dia 5. Foi o sexto campeonato universitário de futebol de cinco. A delegação da AAC ficou classificada em oitavo lugar, numa prova em que estiveram presentes dez equipas em representação das respectivas Universidades. Para além dos doze jogadores, estiveram presentes três dirigentes, incluindo um delegado.

**Para os Torneios Abertos Inscrições a decorrer**

Iniciam-se em princípios de Janeiro, os Torneios Abertos, cujas inscrições encerram em Dezembro. As equipas interessadas, poderão se inscrever-se no GARD (2º piso da AAC). As modalidades são as seguintes: basquetebol, andebol, ténis de mesa, badminton, rugby, xadrez, futebol de salão e futebol de 11.

**Museu Académico expõe espólio medalhístico**

O Museu Académico vai expor o espólio desportivo, que foi objecto de uma colocação num novo espaço. Torféus, taças, medalhas, galhardetes e placas, que representam a vida desportiva de um passado recheado de glórias, estarão a partir de Janeiro de 1993 expostos em dois salões.

**Secção de Futebol organiza Torneio Inter-Faculdades**

A Secção de Futebol irá organizar, a exemplo da época anterior, o Torneio Inter-Faculdades, em futebol de onze. As inscrições decorrem no segundo piso do Edifício da AAC, no GARD (Gabinete de Actividades de Recreio e Desporto).

Em Janeiro terão lugar os primeiros jogos, sendo as equipas formadas por grupos com "cabeças-de-série". As partidas serão disputadas nos campos de Santa Clara e Santa Cruz.

DESPORTO

Eduardo Jorge

**FEIRA PERMANENTE DO LIVRO**



CAMPANHA DE NATAL:

90% dos Livro(novos e usados) a 350\$.

ARCO DE ALMEDINA, 33-35 COIMBRA



## BREVES DA ACADEMIA

### IIº Encontro Nacional de Estudantes de Medicina

Decorreu nos recentes dias 27, 28 e 29 de Novembro, no auditório dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC) o IIº Encontro Nacional de Estudantes de Medicina por organização conjunta da PorMSIC e da AAC.

Embora de uma história ainda incipiente— o Iº Encontro ocorreu no ano passado, no Porto —nem por isso este encontro teve menor aderência. De facto, o número de inscritos superaram as vagas inicialmente prescritas calculando-se um número total de 340 a 350 inscritos— só de Coimbra foram 115.

Houve participação de elementos de todas as Faculdades de Medicina do país a quem foi oferecido um programa eclético com uma vertente científica e outra mais boémia para honrar a tradição Coimbrã.

O Encontro iniciou-se dia 27 com recepção na A A C seguida de cerimónia de boas vindas no Centro Cultural D. Dinis e depois do jantar o Sarau Académico no Teatro Paulo Quintela onde actuaram grupos como o Orfeon Académico de Coimbra, a Fanfarra, a Estudantina e que pretendeu ser uma amostra do que é um Sarau Académico em Coimbra.

No Sábado houve uma manhã desportiva, com jogos de voleibol, basquetebol e futebol no Estádio Universitário; Durante a tarde decorreu a Conferência/Debate "Novos Horizontes da Medicina", onde foram tratados os temas:

- "SIDA: Prevenção e o Futuro", por um representante da Comissão Nacional;
- "O Transplante", pelo Prof. Dr. Almeida Furtado (FMUC);
- "A Fertilização Artificial", pelo Prof. Dr. Almeida Santos (FMUC);
- "A Oncologia e o Futuro", pelo Dr. Luís Lima (IPO Coimbra);

Finalmente no Domingo, dia 19, houve duas conferências/debate, uma versando sobre "A Reforma do Ensino Médico" e outra sobre "Saídas Profissionais". A cerimónia de encerramento foi quase apoteótica com a distribuição da taça da manhã desportiva de Sábado, o tradicional berro com toda a força e a promessa de que: "Para o Ano é em Lisboa— lá nos encontraremos".

### Torneio de Fundação da Secção de Ténis de Mesa

Decorreu durante a Festa das Latas, o Torneio de Fundação da Secção de Ténis de Mesa da AAC, organizado por um grupo de trabalho desta Academia e apoiado pela Comissão da Latada de 1992.

Não foi este o primeiro Torneio Universitário, mas foi seguramente o melhor em termos da qualidade dos jogadores, o que auspacia, se fôr feito um trabalho de continuidade, um futuro brilhante a esta nova Secção.

Para a história ficam os nomes dos primeiros qualificados:

Sector masculino: 1º Jorge Almeida (Economia); 2º Vasco Ribeiro (Direito); Pedro Nascimento (Economia); Pedro Viegas (Eng. Civil). Sector feminino: 1ª Marta Falcão (Letras); 2ª Joana Sérgio (Geologia); 3ª Lam Hang Cheong (Língua Portuguesa); 4ª Chio Pou Cho (Língua Portuguesa).

Apesar de alguma confusão e uma certa inexperiência, o Torneio correu surpreendentemente bem, graças sobretudo à disponibilidade da maior parte dos jogadores que se mostraram colaborantes em algo que, mais do que o dirigido para todos, tinha por função ser organizado por todos.

Inicialmente previsto só para o dia 23, o grande número de participantes obrigou a adiar a fase final do Torneio para o dia 25, altura em que se terminou o Torneio, ainda assim, numa verdadeira corrida contra o tempo.

Conclusões retiradas da organização do Torneio foram a a necessidade de Fundação da Secção face ao indiscutível interesse demonstrado (no que se está a trabalhar e se dará notícias posteriormente), a necessidade de um espaço onde se pratique a modalidade, se não de um modo permanente, pelo menos com a suficiente disponibilidade e acessibilidade.

### Eisenstadt em Coimbra

O sociólogo israelita Samuel N. Eisenstadt, figura cuja obra é internacionalmente reconhecida, veio a Coimbra no mês de Novembro. No dia 26, no Auditório da Faculdade de Economia, proferiu uma Conferência intitulada "Estrutura e Dinâmica das Relações Centro-Periferia", onde se notou a sua preocupação com a abordagem da dimensão simbólica e da dimensão cultural. No dia 27 de Novembro, Eisenstadt falou sobre "Mudança Social e Padrões de Modernização. O Caso dos Pequenos Países" no Centro de Estudos Sociais.

## Timor

Andam lá sem descansar  
Nas montanhas a lutar  
Iluminam todo o mar  
De Timor

Nas montanhas sem dormir  
Uma luz a resistir  
Arde sem se apagar  
Em Timor

Andorinha de asa negra  
Se o teu voo lá passar  
Faz chegar um grande abraço  
Dá saudades a Timor

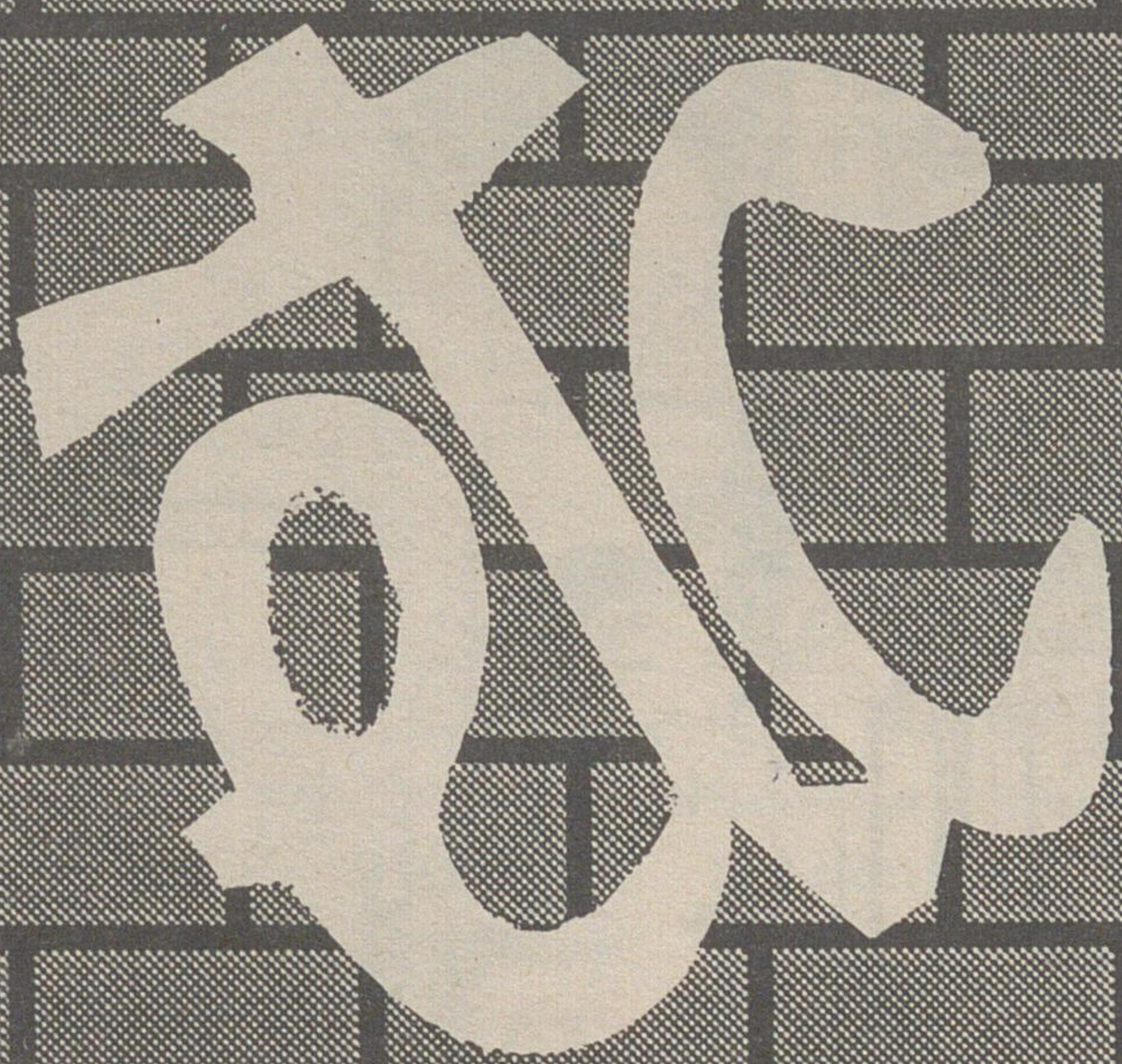
Eles não podem escrever  
Porque vão a combater  
Vão de manhã defender  
A Timor

As crianças a chorar  
Não as posso consolar  
Que eu nunca cheguei a ver  
A Timor

Andorinha de asa negra  
Vem ouvir o meu cantar  
Ai que dor rasga o meu peito  
Sem notícias de Timor

Nunca mais hei-de voltar  
Já não posso lá voltar  
À idade de lembrar  
A Timor

Pedro Ayres Magalhães, Resistência



Venha ver a diferença!...

